

**JACQUELINE BEATRIZ TEIXEIRA BARBOSA**

**GILBERTO MENDONÇA TELES:**  
**POESIA E ESCRITA DE SI**

**Universidade Estadual de Montes Claros**  
**Montes Claros**  
**Agosto/2013**

**JACQUELINE BEATRIZ TEIXEIRA BARBOSA**

**GILBERTO MENDONÇA TELES:**  
**POESIA E ESCRITA DE SI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura de Minas Gerais

Orientadora: Profa. Dra. Ilca Vieira de Oliveira

**Universidade Estadual de Montes Claros**  
**Montes Claros**  
**Agosto/2013**

Dedico esse trabalho a Deus.

À minhas musas inspiradoras Jéssica e Thayane, filhas que amo tanto.

À minha mãe Fátima, amiga e companheira de todas as horas.

À minhas irmãs, que são meus braços, Jussara e Fabiana.

Aos meus sobrinhos e cunhado Jomar.

Às minhas amigas-irmãs.

## **AGRADECIMENTOS**

À FAPEMIG, pelo auxílio financeiro oferecido para coleta de dados e pesquisas externas;

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ilca Vieira de Oliveira, que me apresentou a poesia de Gilberto Mendonça em 2003, orientou-me na iniciação científica e neste mestrado. Agradeço pelo atendimento fora dos horários, por toda dedicação, por mostrar-me o caminho certo a seguir para chegar à conclusão do meu estudo.

Ao poeta Gilberto Mendonça Teles, por tanta disponibilidade, gentileza e amizades nesses 10 anos de convívio.

Aos professores e demais funcionários do Mestrado em Letras, por contribuírem na minha pesquisa;

Ao Prof. Dr. Osmar Oliva e Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ivana Ferrante, por todo apoio na qualificação.

Novamente agradeço ao Prof. Dr. Osmar Oliva por ter participado da defesa da dissertação, juntamente com Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria de Fátima Gonçalves Lima – PUC/GO, grande escritora sobre Gilberto Mendonça.

Aos representantes da CEMIG, Jean Cruvinel, Raul Mascarenhas e Jomar Candido, pela ajuda na permuta de horas para que eu frequentasse as disciplinas.

Às minhas amadas filhas, Jéssica e Thayane, que conviveram com tanta ausência nestes três anos.

À minha querida mãe Fátima, pelo amor incondicional e orações.

Às minhas irmãs, Fabiana e Jussara, que praticamente fizeram mestrado junto comigo.

Ao meu cunhado Jomar Candido, amigo de todas as horas.

Aos meus afilhados amados: Maria Fernanda, Mariana, Gustavo Rezende e Daniel Gustavo.

Às amigas Nivaldi Maciel, Geruza Ladeia, Cybelle Santana, Paola Mota, Maria Ana Bessa, Mariana Popoff, Débora de Souza, Daiane Silva, Sandra Renata, Patricia Maria, Cleonice Reis, Maira Pinheiro, Maria Aparecida, Tarley Sarmento, Rosemary Ferreira e Flávia Mendes, pela compreensão, solicitude, apoio, força e orações nos momentos difíceis.

Ao meu amigo Henrique, ouvinte de sempre.

Ao Prof. Dr. Geraldo da Aparecida Ferreira pelo auxílio.

Ao meu padrinho Jair Barbosa por toda atenção e presença.

Aos meus familiares, amigos e irmãs na Fé, que acreditaram e torceram pela obtenção do meu título de Mestre.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos.

## ANIVERSÁRIO DO POETA

Os anos passam...  
E ficam as lembranças:  
São momentos transcendentais,  
Cravados na memória.

Os planos mudam...  
E fica a procura do essencial:  
Atravessar o caminho da vida e ser esquecido,  
Amar nos caminhos da vida e tornar-se  
memorável.

Os sonhos modificam...  
Fica a alegria da realização:  
Não ser nunca estático no tempo,  
Ousar ser melhor que o segundo decorrido.

A sabedoria permanece.  
Somos a totalidade de sentimentos:  
Alegrias, tristezas, realizações, vitórias...  
Compomos com anos que o tempo consome,  
O poema da experiência que conquistamos.

(Poema de minha autoria para Gilberto Mendonça  
Teles, na passagem de seu aniversário, em 2003)

*“Aceita o mal que vem da vida. Aceita  
O fruto amargo que ela der. A vida  
É uma seara de sonho sem colheita  
É uma sombra de glória inatingida.  
Colhe os joios e as rosas. Tudo enfeita.  
E na longa jornada percorrida  
O que fostes serás.*

*Não é perfeita  
A ascensão sem o esforço da subida.”*

*(Gilberto Mendonça Teles, em Hora Aberta)*

## RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a formação do processo poético de Gilberto Mendonça Teles e a presença de um eu que revela sua identidade em alguns poemas dos livros *Aprendizagem*, perpassando por *Fábula de fogo*, *Álibis*, *Arabiscos*, culminando no livro *Linear G*. Para alcançar o objetivo proposto, colocamos em evidência sua dedicação à Poesia: seu metamorfosear, desde os poemas iniciais, dos primeiros versos do escritor adolescente até versos maduros desse brilhante poeta. Verificamos que o sujeito lírico discorre sobre temas, como família, amor, a terra, e o próprio poeta declarando imagens da sua vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Gilberto Mendonça Teles; Família; Amor; Terra; Religião.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the formation of the poetic process made by Gilberto Teles Mendonça and the presence of a self identity that is reveal in some poems of the books Learning, passing by Fable fire, Alibis, Arabiscos, culminating in the book Linear G. To achieve our objective, we put in evidence his dedication to poetry: his metamorphosis since the early poems, from the beginning of his writing as a teenage to the mature verses of this brilliant poet . We found out that the lyrical subject discusses topics such as family, love, land, and the poet himself declaring pictures of your life.

**KEYWORDS:** Poetry; Gilberto Teles Mendonça; Family; Love; Land; Religion.

## SUMÁRIO

|                                                 |           |
|-------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                         | <b>09</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 - HOMEM .....</b>                 | <b>12</b> |
| <b>1.1 O iniciar poético .....</b>              | <b>16</b> |
| <b>1.2 A linguagem poética instituída .....</b> | <b>23</b> |
| <b>CAPÍTULO 2 - A CASA.....</b>                 | <b>29</b> |
| <b>2.1 Legado materno .....</b>                 | <b>31</b> |
| <b>2.2 A imagem do pai .....</b>                | <b>42</b> |
| <b>2.3 Amor .....</b>                           | <b>49</b> |
| <b>2.4 Religião .....</b>                       | <b>56</b> |
| <b>CAPÍTULO 3 - A TERRA .....</b>               | <b>68</b> |
| <b>3.1 Eterna Goiás.....</b>                    | <b>69</b> |
| <b>3.2 Morada Atual .....</b>                   | <b>76</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>               | <b>84</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                         | <b>86</b> |
| <b>APÊNDICE A .....</b>                         | <b>93</b> |

## INTRODUÇÃO

A obra do poeta Gilberto Mendonça Teles é extensa e intensa. Seu nome figura no meio acadêmico e sua linguagem abre caminhos para múltiplos temas, atrai leitores e pesquisadores diversos, além de estudos pela crítica literária brasileira. Aqueles que acompanham suas artimanhas sentem-se presenteados quando aparecem novas facetas em poemas inéditos.

Encontramos em seus poemas uma técnica inovadora na criação de palavras e seus significados. Dos sonetos aos poemas em forma livre, dinamiza seu processo literário; como jogador incansável, cria metáforas, recria sensações, amadurecendo assim a sua arte poética.

Nesta dissertação de mestrado, temos uma pretensão importante: demonstrar que, a partir dos poemas estudados, é verificada a pulsação de um eu que revela uma identidade do poeta, visualizada por meio de fragmentos da vida do autor que foram recriados, inventados ou nomeados com permissão para que os leitores pudessem acompanhar a sua história de vida dentro do seu percurso literário. Seguiremos um itinerário de alguns poemas escritos no sua juventude, presentes no livro *Aprendizagem*, que foi lançado em 2007, e que ainda não tinham sido publicados, perpassando por *Fábula de fogo*, *Álibis*, *Arabiscos*<sup>1</sup>, culminando no livro *Linear G*, no qual o autor se manifesta, com recorrência, ruminando sua vida. Ao selecionar os poemas, tentamos seguir cronologicamente a idade do poeta, escolhendo-os a cada vinte anos de escrita do autor até os dias atuais. Enfatizamos que está sendo considerada “a escrita de si” nos poemas anteriores a *Linear G*, nos quais o autor expõe uma escrita marcante de sua vida.

Na sua escrita, percebemos que uma série de fragmentos da vida está dispersa e podemos verificar um “eu” que encena o tempo todo fragmentos autobiográficos<sup>2</sup> no livro *Linear G*, nomeados pelo próprio autor na sua poesia, em temas recorrentes na vida do poeta, como a família, a religião e a terra. Faremos a exposição de recriação de fatos vivenciados pelo poeta Gilberto Mendonça Teles mediante a análise dos poemas selecionados a partir do nosso *corpus*, suas críticas, suas entrevistas, bibliografia dos críticos e o real depoimento da sua mãe, Celuta Mendonça Teles.

O nome de Gilberto Mendonça Teles, às vezes, será reduzido à sigla GMT, utilizada desde 1976, pela jornalista Maria Amélia Melo, quando comparou seu nome ao *Greenwich Meridian Time*. A partir de então, os críticos de sua poesia frequentemente utilizam essa sigla.

---

<sup>1</sup> Os três livros citados encontram-se na 4ª edição do livro *Hora Aberta*.

<sup>2</sup> Não discutiremos a problematização sobre autor, narrador e personagem em Lejeune, mas sua contribuição para a autobiografia disseminada na poesia.

Para melhor compreensão da proposta aqui relatada, a dissertação foi distendida em três capítulos: no primeiro capítulo, “Homem”, faremos a análise da linguagem poética de Gilberto Mendonça Teles. Para melhor entendimento, esse capítulo será dividido em duas partes: a primeira parte, “O iniciar poético” é uma apresentação do iniciar literário de GMT, seu encontro com a grande musa da sua história: a poesia. A segunda parte, “A linguagem poética instituída”, apresenta um poeta com o domínio da linguagem; será abordada a construção da escrita na sua madureza poética.

No segundo capítulo, intitulado “Casa”, apontaremos a escrita do eu em ordem cronológica, quando o poeta verseja sobre os pais e a família constituída. Esse capítulo será dividido em quatro partes: “Legado materno” é a primeira, em que serão verificados os fragmentos em que a voz do poeta está diluída nos poemas sobre a mãe. Na segunda parte, “A imagem do pai”, observaremos os sentimentos expostos pelo filho, apresentados nos poemas analisados. Analisaremos na terceira parte, “Amor”, as imagens que inserem o eu de GMT na composição de poemas que apontam a família formada com o casamento. E “Religião” será a quarta parte, na qual discorreremos como a religiosidade está presente na linguagem poética do autor.

No terceiro capítulo, “Terra”, analisaremos como o olhar do poeta percorre os diferentes espaços que marcam sua vivência. Será dividido também em duas partes: na primeira parte, “Eterna Goiás”, serão apontadas as imagens e vozes do autor que se perpetuam nos versos sobre Goiás. “Morada do poeta” é o título da segunda parte, em que verificaremos a existência do eu que se revela nos versos em que desponta a cidade do Rio de Janeiro, terra que marca sua vivência.

Para a elaboração dos capítulos, bebemos na fonte das discussões históricas, sociológicas, culturais, estéticas e críticas de Hugo Friedrich, T.S. Eliot, José Luís Borges, Octavio Paz, Gaston Bachelard, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Mircea Eliade, Kate Hamburger, Roland Barthes, Philippe Lejeune, Leila Perrone-Moisés, Maria Helena Martins, Walter Moser, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Jacques Le Goff, Michel Foucault entre outros.

Recebemos contribuições dos pesquisadores Raquel Rolando Souza, José Fernandes, Maria de Fátima Gonçalves Lima, Darcy França Denófrio, Ilca Vieira de Oliveira, Dulce Maria Viana Mindlin, Zaíra Turchi e Sérgio Alves, que ajudaram a elucidar a escrita do poeta Gilberto Mendonça Teles.

Esperamos que a reflexão crítica exposta nesta dissertação sobre “a poesia e a escrita sobre si” do autor Gilberto Mendonça Teles ampliar o conhecimento literário sobre sua

poesia, suscitar mais indagações, promover mais caminhos de leitura e estudos para os leitores e críticos literários.

**Capítulo 1**  
**HOMEM**

“A poesia vem da capacidade que tem o poeta de conotar todo ou parte do universo numa imagem, num único verso, e às vezes até numa única palavra [...]”  
(Gilberto Mendonça Teles, 1996, p.137)

O objetivo deste capítulo é apresentar como o processo poético de Gilberto Mendonça Teles foi formado, como a sua eterna musa, “a poesia”, foi sua companhia fiel desde que foi apresentada e como ele, o serviçal devoto, desdobrou-se para conhecê-la, embrenhando-se em estudos, aperfeiçoando-se com o passar do tempo, para exteriorizar seus conhecimentos em versos e por meio de versos.

Para ser um poeta é necessário sorver a magia dos clássicos, embrenhar-se em árduas leituras, aprimorar a linguagem, dominar a rigidez da métrica, ser jogador de palavras. É vivenciar a mudança constante de significados que o tempo traz e, ao manusear os versos do poema, colocar a poesia, esplendorosamente em contato íntimo com o leitor, cujos olhos sugam todas as coisas ditas e ocultas nas entrelinhas do poema. Como pontua Hugo Friedrich:

Este não mais participa em sua criação como pessoa particular, porém como inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta os atos de transformação de sua fantasia imperiosa ou de seu modo irreal de ver num assunto qualquer, pobre de significação em si mesmo. Isto não exclui que tal poesia nasça da magia da alma e a desperte<sup>3</sup>.

A magia da poesia se instaura em versos ornados pela inteligência daquele que adorna as palavras do uso comum, transformando em vestimentas inovadoras.

O escritor dos versos perambula nas orquestras das palavras, traduzindo as emoções e entregando aos leitores um diagnóstico certo das emoções incertas. É aquele que exprime com primazia os sentimentos de outrem, que torna explícito o profundo dizer de almas e corações. Sua construção poética perpetua as quimeras, as rotinas e o interior multicolor de um povo. T.S.Eliot assim sintetiza o encargo divino do poeta:

Podemos dizer que a tarefa do poeta, como poeta, é apenas indireta com relação ao seu povo: sua tarefa direta é com sua *língua*, primeiro para preservá-la, segundo para distendê-la e aperfeiçoá-la. Ao exprimir o que as outras pessoas sentem, também ele está modificando seu sentimento ao torná-lo mais consciente; ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias. Mas o poeta não é apenas uma pessoa mais consciente do que as outras; é também individualmente distinto de outra pessoa, assim como de outros poetas, e pode fazer com que seus leitores partilhem conscientemente de novos sentimentos que não haviam experimentado<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> FRIEDRICH, 1978, p.17.

<sup>4</sup> ELIOT, 1991. p. 31.

O leitor, por meio da poesia, partilha sensações novas, viaja nos horizontes descritos por palavras articuladas: aprende sobre seus sentimentos, conhece a si nos versos da poesia de Gilberto Mendonça Teles.

O escritor, com o resultado da sua lida constante em aprimorar seus poemas, afirma que a poesia é primordial à sua vida, é tão importante quanto à religião, sendo ambas imprescindíveis para o homem, como tenta conceituar em uma entrevista:

Já tentei por várias vezes, na crítica e no próprio poema, definir a função social da poesia. Para mim, a poesia é essencial à vida. É como a religião, principalmente quando poesia e religião se propõem “ampliar o círculo” ou, como diz o filósofo americano Richard Rorty, “ampliar a faixa de pessoas cujos desejos devem ser levados em conta [...] pelo ideal utilitarista da maximização da felicidade”.<sup>5</sup>

GMT assume que a poesia constitui a vida, que a definição, tantas vezes ensaiada, resulta em uma simples conceituação: o homem precisa de poesia para deixar-se guiar para caminhos e experimentar sua plurissignificação. Como ser transportado ao prazer, como propõe T.S. Eliot:

Mas se estamos à procura da função social essencial da poesia, precisamos olhar primeiro para suas funções mais óbvias, aquelas que precisam ser cumpridas, se é que algum poema o faz. O principal, suponho, é que possamos nos assegurar de que esta poesia nos dê prazer. Se alguém perguntar qual o gênero do prazer, só poderei responder: o gênero de prazer que a poesia proporciona, simplesmente porque qualquer outra resposta nos levaria a nos perdermos em divagações estéticas e na questão geral na natureza da arte<sup>6</sup>.

Ser poeta, cuja poesia pudesse transportar felicidade e prazer, foi meta singular de Gilberto Mendonça Teles. Com algumas influências palpáveis em sua poesia, como a assimilação das técnicas retóricas de clássicos, românticos, parnasianos e simbolistas e dos escritores, possivelmente nesta ordem: Bilac, Cruz e Sousa, Raul de Leão, Paulo Bonfim, Bandeira, Mário de Andrade, Drummond, João Cabral e Lêdo Ivo. Na procura incessante de dominar a técnica da poesia, acompanharemos sua trajetória instigante ao aperfeiçoamento do crítico, ensaísta em um grande poeta.

---

<sup>5</sup> PEREIRA, Iuri. *Entrevista publicada na Internet*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/45010510/Gilberto-Mendonca-Teles-entrevistado-por-Iuri-Pereira-da-Editora-Hedra>. Acesso 02 jan. 2013.

<sup>6</sup> ELIOT, 1991.p.28-29

Ao nos debruçarmos sobre os poemas analisados de Gilberto Mendonça Teles, reconhecemos, em sua escrita, traços de uma biografia que se encena. Notamos ficção, invenções, mas também a história ou estória do autor, como ele próprio discorre na entrevista sobre os seus 50 anos de poesia, sob a direção do Luís Sérgio, no livro *A Plumagem dos Nomes: Gilberto 50 anos de literatura*:

Cada poema tem sua história ou sua estória. Cada um responde a estímulos diferentes. Há os que chegam por intermédio de uma palavra, pela impressão de um tema; os que são motivados por uma forte emoção ou por uma pequena emoção obsessiva; os que chegam espontaneamente pelo simples impulso de escrever; e há até os que são encomendados, tipo “Escreve um poema para mim”. Então, o que precede à elaboração de um poema é UM ESTADO DE CULTURA POÉTICA, uma, digamos, competência para escrevê-lo.<sup>7</sup>

Gilberto Mendonça Teles nasceu com o dom para ser poeta, mas foi preciso esforço e dedicação para conseguir o que almejava. A poesia foi ponto central de suas atenções, culminando em conhecimento e distribuindo-se no seu fazer poético, como o próprio afirma:

Acho que é isto mesmo. Mas com relação à primeira parte da pergunta<sup>8</sup>, é preciso esclarecer que os antigos já pensavam assim, como no famoso adágio atribuído a Horácio: “*Poeta nascitur, orator fit*”. A palavra **dom** deve ser compreendida aí não como a queria Platão no seu irônico *Ião*, ou seja, como participação do divino ou do sobrenatural [εὐθουσιάζω], mas deve ser entendida como o **espanto** [θαῦμα] diante do mundo e dos acontecimentos. Na verdade, certa disposição psíquica que, motivada pela educação e aperfeiçoada pelo esforço e pela dedicação leva o homem a se interessar pela poesia, lendo e estudando tudo que diz respeito a ela. É a partir daí que se faz o poema, o livro, e a *Hora aberta*, por exemplo. A **inspiração** eu a vejo como um processo – um *durante* – que motiva a “transpiração”, isto é, o trabalho inteligente na feitura do poema com o objetivo de captar a Poesia.<sup>9</sup>

A poesia requer muito estudo. A amplidão do seu significado faz que debrucemos para estudar seu indescritível conceito, como aponta José Luís Borges sobre a definição da poesia:

Por exemplo, se preciso definir poesia, e se me sinto um tanto hesitante, se não tenho muita certeza, digo algo como: “Poesia é a expressão do belo por meio de palavras habilmente entretecidas”. Essa definição pode ser boa o suficiente para um dicionário ou um manual, mas todos sentimos ser bastante frágil. Existe algo muito mais importante – algo que pode nos

<sup>7</sup> TELES, 2007, p.686.

<sup>8</sup> A primeira parte da pergunta refere-se ao início do questionamento: Comento que você já nasceu com dom para ser poeta e seu esforço e dedicação fizeram o resto.

<sup>9</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

encorajar a seguir adiante e não somente treinar a mão escrevendo poesia, mas desfrutá-la e sentir que sabemos tudo ao seu respeito<sup>10</sup>.

Decifrar a beleza que a poesia expressa sempre é um momento de aprendizagem, pois todo sentimento que ela suscita nos corações humanos, torna-a mais instigante.

Conhecer o universo da poesia é o pilar para o desenvolvimento de um grande poeta. Não se fala sobre o que não se domina, não se aparenta ser um poeta. Os ávidos leitores reconhecem diante da bibliografia aquele que não dissimula, mas ensina. Gilberto Mendonça Teles descreve seu fazer poético em seus poemas. Ensina, como professor que é, os passos para dominar o universo da poesia: estudo, leitura e esforço.

É necessário que o poeta “transpire” para continuar seguindo o fio inspirador do poema. A competência, ao seguir a inspiração, faz-se no jogo árduo das palavras: escolhê-las e desdobrá-las. A façanha do jogador impera na construção dos poemas. O ensaísta José Fernandes revela as artimanhas do jogo do poeta:

Criar o poema é, para ele, revelar as regras do jogo, a fim de que seu adversário, ou companheiro de equipe, tenha a impressão de, ao longo da leitura, estar se assenhoreando de suas jogadas. Mas, a realidade e malícia de suas gíngas linguísticas permanecem camufladas pelas artimanhas de jogadas inesperadas<sup>11</sup>.

Cartas marcadas? Muito treino? Dom? O poeta recria nas páginas da linguagem seus poemas, se arremessa no fluir da poesia, nessa estrada, cujos sentimentos do homem são expostos de forma divinal, estética e ordenadamente em versos. Assim, o poeta Gilberto Mendonça Teles se aperfeiçoa e, de Goiás, segue rumo a novas veredas.

## 1.1 O iniciar poético

Na comemoração de seus 80 anos, em 2011, o poeta lança o livro *Aprendizagem: de um romântico inveterado*, um espaço aberto para acessarmos os poemas “rejeitados”, conforme sua declaração, mas que são poemas-registro de uma época ainda engavetados para seus leitores. O poeta fará uma viagem para dentro de si, conforme asseveram as autoras Dulce Maria Viana Mindlin e Ilca Vieira de Oliveira:

---

<sup>10</sup> BORGES, 2000, p.26.

<sup>11</sup> FERNANDES, 2005, p. 46.

Os poemas de *Aprendizagem* estavam guardados, simplesmente arquivados; não foram escritos para registrar qualquer preocupação arqueológica. É preciso um outro olhar para que o resgate destes textos possa ser lido à luz da autobiografia – e isto implica considerar o poeta no seu presente, voluntariamente indo ao encontro de seu passado – agora, sim, empreendendo uma viagem para dentro de si mesmo, de seus aquéns, de seus abismos –, mesmo que esse “resgate do eu” possa significar uma espécie de “contrato de identidade” como um poeta que só mais tarde estaria completamente à vontade com seus instrumentos de linguagem. Nesses poemas retirados do silêncio tem-se uma identidade do poeta que se vai fazendo/ (des)fazendo na sua escrita que teve início em 1942.<sup>12</sup>

O contato do poeta menino com a poesia deu-se aos seis anos de idade, quando foi escolhido para decorar o poema “A pátria”, de Bilac, e apresentar na classe, diante de todos os colegas. Se ousássemos imaginar que o menino não tivesse nenhum dom, nem interesse, seria algo banal e mandatório, poderia fazer e não ter ciência do seu ato. Mas o que aconteceu foi o contrário: seu interesse foi despertado, não havia como retornar à simplicidade da rotina, das brincadeiras normais com os irmãos e amigos. Esse iniciar aos seis anos irá desabrochar e/ou continuará sendo cultivado, e, no “conjunto” de poemas, percebemos que o adolescente possuía sede de leitura; e nos treze, quatorze anos já tinha consciência de todo deslumbramento que o prazer da literatura proporciona, assim menciona Gilberto Mendonça Teles, numa entrevista concedida a Rodrigo de Souza Leão, em 2002:

Aos quatorze anos aprendi a metrificar, lendo Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Olavo Bilac. Começava a compreender o segredo do ritmo na poesia. Era tão difícil no início que eu às vezes passava uma semana para endireitar os versos de um poema. E devo ter comido também os meus biscoitos, *madeleines*, roscas e pamonhas, pois as imagens da infância me vêm nítidas, espontâneas sem precisar que eu lute com *le temps perdus*. A única luta (ou lide) que se conta - e que é também proustiana - é com o lúdico: apreendendo a brincar, a jogar com as palavras, o homem aprende também a jogar com o mundo. E é sem dúvida desse jogo que provém a poesia. A melhor poesia, pois escrever é mesmo (como você pergunta afirmando) lidar com o lúdico, com a alegria, com a vida. Todo poeta é também um *opó-rapá-cupu-lopó* alguém que saiba brincar com a linguagem para descobrir / revelar o outro lado das coisas<sup>13</sup>.

Jogar com as palavras é espalhar as palavras no branco chamativo do papel, embebidas de criatividade, e verificando o que de melhor aparece; versos que são lidos e relidos, para

<sup>12</sup> TELES, 2011, p. xviii.

<sup>13</sup> LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista publicada na Internet*. Garganta da Serpente. Disponível em <<http://www.gargantadaserpente.com/entrevista/gilbertomteles.shtml>> Acesso em 10 dez. 2012.

que o homem recolha a preciosidade que a poesia manifesta. Assim o poeta se aperfeiçoa na arte de jogar, jogar com todas as “armas”, sendo sempre vencedor no final.

Gilberto Mendonça Teles obteve na sua adolescência uma somatória de acontecimentos que determinaram as vias certas para chegar ao apogeu de seu aprendizado, base fundamental para melhoria de seu desempenho como futuro poeta, como descreveu numa entrevista a Luiz Alberto Machado<sup>14</sup>:

Comecei aprendendo as formas da poesia tradicional: aprendi a fazer os versos de sete sílabas com a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias e com os “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu. Vi depois que era o mesmo ritmo das quadrinhas populares e dos folhetos de cordel, o que me deu com o tempo a noção rítmica dos registros escritos e orais. Depois aprendi a fazer versos decassílabos com Álvares de Azevedo e Castro Alves, como na parte final de “O navio negreiro”. Cheguei aos alexandrinos com Bilac e ao verso livre com Mário de Andrade e Manuel Bandeira, sobretudo Bandeira, que continua a me ensinar o jogo rítmico em poemas metrificados e nos de versos livres. Enfim, lendo os poemas e estudando em manuais de metrificação, como o famoso de Bilac e Guimarães Passos, estudando os versos no grego e no latim e em todas as línguas românicas modernas, adquiri a liberdade de expressar a linguagem poética da maneira que mais me agrada.

Quando o objetivo é o aprofundamento nas técnicas que perfazem a poesia, precisamos mergulhar nos mares certos. Construiremos com os tijolos escolhidos para nosso entendimento e aprendizado. Os mestres aprenderam primeiro, os discípulos vêm atrás, mas seguem as pegadas certas: não vacila aquele que quer a vitória, que quer correr com o vento nas veredas da linguagem.

O texto explicita o “ato” de criar e a aprendizagem com os poetas citados. Ele expõe, cita os papéis importantes dos escritores em sua construção poética. É importante para um iniciante à poesia seguir os autores de real valor para a literatura brasileira, pois facilita a costura do saber. GMT teve seu início bem marcado com a presença de poetas em sua aprendizagem, perfazendo suas bases sólidas para ser um brilhante poeta.

Notamos que sem uma história que antecede um poeta não acontece a poesia. Por mais que existam poetas natos, que nunca acessaram as fontes do saber, eles são raros. Para revelar a magia da poesia não se escapa a um passado, como explana Octavio Paz:

---

<sup>14</sup> MACHADO, Luiz Alberto. *Entrevista publicada na Internet*. Site sobre sites. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/poesia/gilbertoteles.htm>> Acesso em 02 jan. 2013.

O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. Esta revelação é o significado último de todo poema e quase nunca é dito de modo explícito, mas é o fundamento do dizer poético<sup>15</sup>.

O poeta é um ser que está inserido na história. De diversas formas ele revela o sentimento humano: vai costurando seu processo poético, organizando e dando sentido às palavras. Diz o que está escondido, camufla o que é comum e apresenta ao leitor a outra face das sensações.

Como argumentar sobre a essência do homem, sem conhecer os trâmites bem pisados por experientes escritores? Rimar palavras e não saber a diferença entre poesia e poema? Poetas não são homens que somente enfeitam as palavras. Poetas são manifestações do saber, com processos de conhecimento constituídos por leituras e ensinamentos.

No poema "Ars poética", do livro *Linear G*, Gilberto Mendonça Teles elucida como a poesia não está em qualquer poema:

Você tem mesmo razão:  
o poema deve ser e não ser,  
assim como o homem  
e sua linguagem diversificada  
e autossustentável.

Largos são os caminhos do poema  
e bem estreitos o da poesia.  
Ou muitos são os poemas do caminho  
e poucos os da poesia.

Muitos são os versos chamados  
e poucos os recolhidos.

Em verdade, em verdade alguém me diz  
que não há poesia fora do poema,  
mas há muitos, muitíssimos poemas  
fora da poesia.<sup>16</sup>

O título do poema em latim nos remete ao livro canônico da teoria literária antiga de Quinto Horácio Flaco, *Ars poética*, conhecida como *Epístola aos Pisões*, (14-13 a.C.) “que expressa o pensamento literário maduro de Horácio e historicamente exerceu importante papel na constituição daquilo que se costuma entender pela expressão “teoria clássica da

---

<sup>15</sup> PAZ, 1996, p.55.

<sup>16</sup> TELES, 2010, p. 27.

literatura”<sup>17</sup> com esclarecimentos sobre a criação poética. O poeta Gilberto Mendonça Teles usa o mesmo título para versejar sobre poema e poesia.

Na segunda estrofe, acontece o intertexto com o versículo bíblico “Entrai pela porta estreita! Pois larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram! Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos são os que encontram<sup>18</sup>!” Desta forma ele nos revela que nem todos os poemas possuem poesia. Extensa a quantidade de poemas que aparecem todos os dias e poucos aqueles em que a poesia se instala. É necessário saber as diferenças entre poesia e poema, pois para se adentrar nesse universo, não basta escrever palavras no branco do papel.

Verificamos também outra paráfrase com o texto bíblico “Pois muitos são chamados e poucos escolhidos<sup>19</sup>.”, o poeta enfatiza que muitos são os versos elaborados, mas poucos são lidos e reconhecidos. É um convite para que os leitores tenham acesso ao conhecimento necessário para que seus poemas apresentem o belo, que contemplem a poesia. Gilberto explica a diferença entre poema e poesia em um depoimento a Claude L. Hulet da Universidade da Califórnia, em 1997, descrita no livro *Plumagem dos Nomes*:

O poema é um objeto verbal, feito de palavras, destinado a conter a Poesia. Mas só pode contê-la quando se ajusta a uma ideologia estética, quando os conceitos de *poética*, de *retórica* e de *arte* estão em conjunção, privilegiando um determinado tipo de discurso que é tido como poético. Assim, *poema* e *poesia*, por um processo metonímico, se identificam cultural e tradicionalmente, diferenciando-se apenas pelo fato de o poema ser concreto e a poesia uma abstração que pode ou não manifestar-se nos vários níveis de estrutura e de sentido do poema. Daí se dizer que a poesia é *um tipo especial de linguagem*, inseparável da linguagem comum, mas dela se diferenciando pelo tratamento artístico que recebe. Uma linguagem que, embora variando segundo o tempo, o lugar e as culturas, tem o condão de se manter viva na força de sua tradição e no prestígio de sua atração mágica<sup>20</sup>.

No poema estudado, acontece a reflexão sobre o próprio exercício poético. Nos poemas de Gilberto Mendonça Teles, o uso da metalinguagem é constante e confirmado por Darcy França Denófrio:

“[...] empregaremos a palavra **metalinguagem** – como a linguagem reveladora da consciência crítica do poeta (no caso GMT) no interior do poema. Todavia, além de buscarmos no poema a voz do **interior** do crítico em contraponto com a do poeta, revelando a sua própria concepção literária,

<sup>17</sup> BRANDÃO, 1997, p.6.

<sup>18</sup> MATEUS 7, 13 - 14. p.1209.

<sup>19</sup> MATEUS 22, 14. p.1229

<sup>20</sup> TELES, 2007, p. 638.

também buscaremos a sua voz **exterior**, manifesta principalmente nos seus textos de crítica, prefácios e entrevistas concedidas a jornais, sempre que esta voz puder subsidiar a **interior**. É a atitude metalinguística – um dos aspectos da moderna poesia brasileira e que coloca **GMT** ao lado de Drummond e João Cabral – <sup>21</sup>”.

Na construção dos poemas de Gilberto Mendonça Teles existem três participações: o poeta que expõe, o professor que ensina e o crítico que avalia. O papel de ensinar é propriedade do professor, esse ofício amplia a capacidade do poeta atingir o leitor. A forma, em que o poema é apresentado, é como se GMT estivesse em sala de aula, decodificando para aqueles que não sabem que existem poemas sem poesia, como certifica a autora Maria de Fátima Lima Gonçalves Lima:

Os poemas dos poetas-professores registram seus conhecimentos ou as suas competências técnicas. Seus textos são sobrecarregados de alusões culturais e literárias e transformam os poemas em poéticas, refletindo sobre o valor e as funções da palavra, da língua, da linguagem, da poesia, do poema, do poeta e da literatura ou vendo o homem, a vida e o mundo à imagem e semelhança dos códigos linguístico-literários. Os poetas-professores mostram-se fascinados pela analogia, pela metáfora e pela expressão indireta. Gostam de praticar todas as espécies de jogos de palavras (gráficos, rítmicos, semânticos), e de se mover entre as fronteiras do artístico e do artificial<sup>22</sup>.

GMT conceitua a experiência que o poeta traz em si no livro *Gilberto 40 anos* e, para comemorar, realizaram-se a exposição e Seminário no Centro Acadêmico da PUC do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Joaquim Francisco Coelho:

E outra coisa: a experiência que o poeta tem com a palavra é diferente da experiência do homem comum, porque para ele o cavalo é apenas o cavalo. Para o poeta, o cavalo é aquele cavalo do homem comum mais o cavalo da tradição cultural e o cavalo da infância, que ele mistificou ou está mistificando agora. Então tem alguma coisa a mais. Daí ser possível interpretar a poesia tentando chegar a este mito que cada poeta carrega consigo, que não um mito de um dia, é um mito de nascimento, de uma experiência primeira que cresce dentro dele como um câncer que vai crescendo<sup>23</sup>.

Aventurar-se na experiência de entregar-se à poesia desde os passos de adolescente foi um processo ímpar na construção de sua profissão, das suas escolhas; foi o pilar forte que

---

<sup>21</sup> DENÓFRIO, 1984, p.22-23.

<sup>22</sup> LIMA, 2007, p. 11.

<sup>23</sup> COELHO, 1999, p. 143.

cresceu e transformou-o no poeta, cuja poesia é de cunho intelectual, conforme abona a autora Maria de Fátima Gonçalves Lima em seu livro *O signo de eros na poesia de GMT*:

Gilberto Mendonça Teles possui um intenso brilho descritivo e expõe em sua poesia um jogo hábil de sensações e impressões. É ele um mágico da linguagem, tem o segredo de, com muita maestria, unir o conteúdo ao jogo de formas e emoções, nascendo desta união os jogos do amor e do humor, os paradoxos engraçados, as falsas confidências, demonstrando nesta mágica a realização de uma poesia altamente intelectualizada<sup>24</sup>.

É necessário encontrar a vereda certa para pisá-la e subir o morro que leva o poeta a alcançar seu sucesso e reconhecimento. É necessário ter o ponto de saída para atingir a vitória na chegada, como verificamos na leitura e estudo de poemas que, no seu passado, Gilberto Mendonça Teles foi contagiado com o esplendor e beleza do seu primeiro amor e o descreve no poema “A poesia”, do livro *Aprendizagem*:

Foi, ali, por ali, naquela mata,  
era à tardinha, o sol brilhava ainda,  
que uma voz escutei, de longe vinda,  
como os maviosos sons da serenata.

Pensei comigo que essa voz tão linda,  
misturada ao rumor de uma cascata,  
fosse talvez de alguma traviata,  
de algum mistério que não finda.

Sentei-me por ali e vi na ramagem,  
como um sonho a sedutora imagem,  
que me olhava de longe, e me sorria.

Em volta dela pequeninas aves  
soltavam seus gorjeios tão suaves,  
que logo percebi ser da Poesia<sup>25</sup>.

O poema é um encontro de amor com a deusa poesia, grafada em maiúsculo, no último terceto, sugerindo a importância de sua significação para o seduzido.

Percebemos o enfatizar da doçura na voz, supondo que seria de uma bela plebeia, evocando o romance *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, que serviu de inspiração para a criação da ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, possuidora do mistério infinito, descrição real da poesia.

---

<sup>24</sup> LIMA, 2005, p. 17.

<sup>25</sup> TELES, 2011, p.214.

A imagem que seduz, misturada à beleza da natureza, sorri e busca para si um servo. Como uma sereia, a poesia atrai, com a voz doce para o indescritível redemoinho de sensações, seu eleito: o jovem poeta.

Nesse soneto, aparecem nitidamente as marcas do simbolismo, pela presença da musicalidade, encontrada no verso *como os maviolos sons*, que se unem ao rigor estético do parnasianismo, pela presença de rimas consoantes dispostas nas estrofes. Verificamos também que o “culto à luz, à claridade e à musicalidade dos simbolistas passa a conviver com o ideal supremo de perfeição”<sup>26</sup> do parnasianismo, nos poemas de Gilberto Mendonça Teles.

Após encontrar-se com a poesia, há o início da procura incessante do conhecimento para tê-la ao seu lado, conforme o poeta:

Meu encontro com a poesia (se é que realmente a encontrei, pois me vejo sempre em busca) deve ter mesmo o seu “como” e o seu “quando”, como tudo que é submetido a uma apreciação histórica. No entanto, nas autobiografias (e entrevista não deixa de ser), não parece haver apenas um “como” e um “quando”, pois eles se encadeiam numa sequência de acontecimentos simultâneos e crescentes, em forma de desejo indefinido e de esperança confusa e, com o tempo se consolidam num projeto de vida, o qual, ao lado de outros projetos de vida, acabam por se transformar no mais importante, naquele sem o qual é impossível o absoluto da vida.<sup>27</sup>

Desde seu primeiro encontro com a poesia, essa se torna a eterna amada de Gilberto Mendonça Teles. Tal primazia esse relacionamento possui que a vida do poeta flui em consonância com sua musa, metamorfoseando a sua linguagem poética.

## 1.2 A linguagem poética instituída

Após o iniciar da linguagem tecida pelo poeta, iremos pontuar sobre a sua travessia poética, verificando como se processou a transformação do jovem em um homem das letras.

Na incessante procura de aperfeiçoamento, o poeta deseja mudar sua linguagem, transformando-a com labor, produzindo uma tecitura poética cada vez mais arraigada e culta, adentrando-se no casulo da escrita, e a produz como propõe Roland Barthes:

Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de

<sup>26</sup> FERNANDES, 2005, p.96.

<sup>27</sup> MACHADO, Luiz Alberto. *Entrevista publicada na Internet*. Site sobre sites. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/poesia/gilbertoteles.htm>> Acesso em 02 jan. 2013.

um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha)<sup>28</sup>.

Nesse tear incessante, o poeta se dispôs a lutar com as significâncias e significados, com as leituras constantes, peneirar as palavras, escrever, soprar e construir versos, num labor diário e noturno. Encontrar o primor e guardar e voltar ao garimpo para peneirar novamente. Assim GMT, numa entrevista a Jorge Aquino Filho, no Rio de Janeiro em 1985, define a mutação do ser poeta:

Ser poeta significa, primeiro, a busca do próprio ser que, sendo ao mesmo tempo permanente e mutável, continuamente se encontra e se perde; quando se encontra e nunca mais se perde, estaciona ou morre; e, se não se encontra nunca, para logo se perder, não realiza nada, e morre como todo mundo.<sup>29</sup>

O poeta Gilberto, na criação e recriação da sua obra poética, segundo o autor José Fernandes, “faz a história e está na história, porque interroga, a um só tempo, os meandros da existência, da arte e do mundo, sendo, assim, um homem e um artista do seu tempo.”<sup>30</sup> Ele aprimora seu conhecimento, vivenciando a suprema essência da poesia e se define como apaixonado, no poema “Improviso”, do livro *Arabiscos*:

De gênero só sei do alimentício,  
dos de primeira e vã necessidade,  
dos que têm em si mesmo o seu início  
e sua própria lei e a realidade.

Dos literários sei como uma grade  
entre a imaginação e o precipício,  
uma coisa sem forma e densidade,  
nascimento de imagens *ex-offício*.

Sou lírico nas horas mais confusas,  
sou épico na luz e muita treva  
e trágico sem sê-lo, na ironia

do meu jeito de andar beijando as musas  
nesta facilidade que me leva  
a ser um diletante na poesia.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> BARTHES, 2008, p. 74-75.

<sup>29</sup> TELES, 1986, p. 101.

<sup>30</sup> FERNANDES, 2005, p.157.

<sup>31</sup> TELES, 2003, p. 67.

Usando o verbo na primeira pessoa, o poeta para, olha-se no espelho e, como Narciso, exterioriza como é ser um amante da poesia. Discorre sobre os gêneros fundamentados por Aristóteles, proclamando-se essencialmente poético, um escritor em tempos alegres e tristes. Mesmo sendo trágico, mas não totalmente, não deixa de ser um nobre. Vivendo entre as musas, nomeia-se amante incondicional da poesia, cujo convívio diário e noturno traz um aperfeiçoamento da sua linguagem, facilitando seu ofício de amante.

O poema reproduz o próprio poeta, firmando o eu que se debruça sobre seus versos. Observando os fragmentos do poema, é nítido tratar-se de uma escrita de si. Percebemos a voz gilbertina assinalada no poema, principalmente nas últimas estrofes. Lejeune explica que “a autobiografia pode designar também qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele<sup>32</sup>.”.

Comparando o poema “Poesia”, escrito em 1952, a esse poema “Improviso”, escrito entre os anos 1987 a 2001, percebemos que sua preocupação com a estética é constante, que sua poesia passou pelo processo de transformação e se solidificou com o tempo. O poeta se encanta com a poesia e se compromete com ela, há um relacionamento duradouro, de “servidão” e profundo respeito. Desde 1942 se envolveu nas artimanhas da poesia e a primeira comemoração desse enlace foi em 1955, com o lançamento do seu primeiro livro *Alvorada*. E desse casulo de amor com a poesia, cada livro lançado é a expressão da aprazível vivência poética<sup>33</sup>.

Do livro *Alvorada* (1955) a *Sonetos do azul sem tempo* (1964), na escrita poética dos seis livros publicados, apareciam as influências do romantismo, parnasianismo e simbolismo. O poeta aprendiz aprimorava assim a sua lavra, decantando seus versos no processo de labor. “Pode-se mesmo dizer que, se Gilberto não tivesse iniciado por estas vias, não seria hoje o poeta que é. Talvez como a muitos outros de sua geração, faltasse o conhecimento inescusável da poética dos clássicos”,<sup>34</sup> afirma o crítico José Fernandes.

---

<sup>32</sup> LEJEUNE, 2008, p.298.

<sup>33</sup> Neste período, dos 40 anos aos 60 anos de idade do poeta Gilberto, o qual será estudado neste capítulo, seu nome já foi instaurado na poesia brasileira e em outros países. Até 1991 GMT recebeu doze premiações pela escrita de seus livros de poesias, despontando em 1989 o prêmio Machado de Assis [Conjunto de obras], da Academia Brasileira de Letras, para a 3ª edição do livro *Hora Aberta*. Com 22 distinções, entre homenagens, diplomas, troféus, títulos e condecorações. A importância da sua poesia resulta em 09 dissertações de mestrado, 02 teses de doutorado, 01 estudo em Pós - doutoramento. Todos os estudos reconhecendo o legado que o nome GMT tem para a poesia brasileira.

<sup>34</sup> FERNANDES, 2005, p.29.

No processo poético da escrita de GMT, nos livros *Sintaxe invisível* (1967), *A raiz da fala* (1972) e *Arte de armar* (1977), já aparece a postura metalinguística, inovando a sua técnica de composição, como descrito por Darcy França Denófrio:

GMT sempre se preocupou, e de modo crescente, com o problema da metalinguagem. Não se volta como crítico, para a metalinguagem dos poetas brasileiros nas diferentes épocas, como se debruça sobre os problemas de sua própria criação poética ou do seu fazer poético, realizando duplo exercício – poesia e crítica<sup>35</sup>.

Já nos livros *Sociologia goiana* (1982), *Plural de nuvens* (1984) e *Álibis* (poemas escritos entre 1985 e 1997), o poeta adquire uma escrita mais apurada. Seus livros são obras que apresentam uma poesia fecunda e original, marcando sua identidade poética, fazendo que o leitor seja capaz de experimentar nas “falavras” descritas, os sentimentos, sonhos e os desejos contidos na poesia.

Amadurecer é para poucos. Amadurecer na escrita é um mérito. A linguagem poética de Gilberto Mendonça Teles no livro *Linear G* revela a capacidade de domínio da técnica da poesia; linguagem formada de somas de labor, zelo, amor, tempo e forma. Como José Fernandes diz: “para o poeta a descoberta da beleza está condicionada à perfeita conexão entre o ideal e as regras da arte, obsessão que irá percorrer toda a sua criação poética, que fará dele um poeta maduro, numa época em que muitos enveredaram por caminhos incertos e efêmeros<sup>36</sup>”.

O poeta vai adentrando na experiência em fazer, das palavras comuns, diversas palavras com significados ainda mais diversos. Seus poemas são elaborados, trabalhados para que a poesia possa ser instalada, como no mais recente livro *Carta de Gilberto a Darcy*,<sup>37</sup> em que GMT afirma que “a naturalidade não é natural: tenho que formalizá-la, lutar por ela quando o que escrevo possa parecer natural. Creio que assim também se dá com meus poemas: é como se, ao escrever, eu me despisse, mas fazendo questão de deixar a gravata<sup>38</sup>”. Dessa forma, a linguagem poética tem assinatura da madureza, a propriedade de se diferenciar de outros poetas do seu tempo.

Para dominar seu ofício, é necessário dispor do conhecimento armazenado, que é o instrumento de inovação do poeta. Assim explica Gilberto Mendonça Teles:

---

<sup>35</sup> DENÓFRIO, 1984, p.23.

<sup>36</sup> FERNANDES, 2005, p. 48.

<sup>37</sup> Carta escrita em 13 de Junho de 1984, quando o poeta estava em Lisboa.

<sup>38</sup> TELES, 2012, p.11.

Há poetas que nascem com jeito para a poesia, dentro da frase de Cícero de que “*Poeta non fit, sed nascitur*”. Creio até que todo mundo nasce assim, mas há os que levam adiante seu “projeto poético”, estudam seu ofício, lê tudo o que é possível ler de e sobre a poesia. E há os que vão agir em uma outra direção e, logicamente ficarão a vida querendo ser poeta ou pensando o que são. Entretanto, existem também os que não nascem com jeito de poeta e, ao longo de sua vida cultural, de tanto ler começam a apurar o gosto pela poesia. Todo grande poeta sabe todos os segredos da sua arte, do passado ao presente, do popular ao clássico – o que lhe permite inventar a partir desse conhecimento – e assim escrevem, ora obedecendo à tradição (que eles conhecem), ora inventando novas maneiras e técnicas de dizer, e de escrever<sup>39</sup>.

Por mais que existam definições sobre a arte da poesia, que consigam explicar a mágica de transformar palavras em poemas, no livro *Linear G*, no poema “Indefinição”, a poesia é assim exposta:

A poesia não gosta do visível,  
do que se mostra e fala a todo instante:  
ela parece abrir-se a outro nível,  
esse que vai da pedra ao diamante,  
o lado mais difícil, mais incrível,  
por ser também escuro e cintilante.

O que se mostra a torna cotidiana,  
transparente demais para ser bela;  
a imagem meio opaca é soberana,  
está sempre de guarda e sentinela,  
embora oculte a sua filigrama  
para ser vista inteira da janela.

A poesia se escusa, tem seu lado  
de luz e sombra, abstrata e bem concreta,  
tem seu presente ambíguo, seu passado  
que dissimula a parte predileta  
de quem, além de louco ou de inspirado,  
tem de assumir seu nome de poeta.<sup>40</sup>

O próprio título nos remete à impossibilidade de explicar a poesia. Por meio da sua construção poética acontece a experiência de nomear o abrangente significado da poesia e convoca o leitor a desmitificar o turbilhão de sinônimos contidos num vocábulo. Essa tentativa de definir o indizível torna as tentativas apazíveis aos olhos, são experiências novas, como Jorge Luís Borges conceitua: “Portanto pode se dizer que a poesia é uma experiência nova a cada vez. Cada vez que leio um poema, a experiência acaba ocorrendo. E isto que é

<sup>39</sup> TELES, 2005, p.55-56.

<sup>40</sup> TELES, 2010, p.23.

poesia.”<sup>41</sup>. E experimentando todas as nuances com a poesia, o poeta nos convida a perceber seus lados, sua ambiguidade, suas dissimulações.

O poeta não caminha no seu percurso poético sem a preocupação com a forma; com o uso das rimas, dos *enjambement*, arquiteta versos em que a beleza estética se desenforma no poema.

Traço inconfundível da linguagem desse poeta, a metalinguagem aproxima o leitor às tentativas de definir a poesia. É uma linguagem que discursa sobre a própria linguagem pela qual “a literatura começou a sentir-se dupla: ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura”<sup>42</sup> – traço marcante na poesia de GMT, que oferece ao leitor a oportunidade de adentrar-se em suas aulas que revelam a amplitude do significado da poesia.

A consciência poética de Gilberto Mendonça Teles potencializa a sua linguagem, que é explicada por Ilca Vieira de Oliveira, no livro *Plumagem dos Nomes*, no seu texto “O telúrico na poesia de Gilberto”:

No processo de criação do poeta, encontramos um sujeito que direciona o seu olhar para dentro de si mesmo. A matéria de sua poesia é a linguagem: o léxico, a língua, a caligrafia, a semiótica, a semiologia, a palavra, a fala, a lavra e a letra. A letra, com o seu poder, a sua lei e o seu silêncio, projeta o nome do poeta<sup>43</sup>.

Enamorado da poesia, com sagaz experiência na escrita, Gilberto Mendonça Teles permite, por meio da sua linguagem poética, que ousássemos conhecê-lo melhor, que soubéssemos sobre sua sensibilidade, seus amores, seus pilares, suas divagações, suas invenções, suas encenações.

Propusemo-nos a estudar a trajetória poética de Gilberto Mendonça Teles, como é a sua linguagem, desde o encontro com a poesia, seus conhecimentos, seus ensinamentos e o encantamento que ele possui por ela, sua musa inspiradora. Examinaremos nos próximos capítulos sua voz lírica se misturando com o eu real, permitindo construir uma escrita de si em versos escolhidos em nosso *corpus*.

---

<sup>41</sup> BORGES, 2000, p.15.

<sup>42</sup> BARTHES, 1970, p. 28.

<sup>43</sup> TELES, 2007, p. 373.

## **Capítulo 2**

### **A CASA**

O amor põe suas mágicas  
em funcionamento.  
O amor compõe, propõe, supõe,  
indispõe e interpõe  
sua adaga entre o ser  
e o vazio do vício  
(a ser-viço do amor).  
(Gilberto Mendonça Teles, 2003, p. 575)

A nossa intenção com este capítulo é demonstrar a construção de um “eu”, que se encena em poemas do nosso *corpus*, apresentado de forma implícita em alguns recortes na voz do eu lírico em poemas até 2010, que muda com o lançamento do livro *Linear G*, passando a se apresentar como o “eu ficcional”, narrado de forma confessional em fatos da sua vida que são alinhavados com as “verdades” observadas em nossa análise, sendo verificados então como poemas autobiográficos.

Sobre a intenção de falar de si, GMT, aos 78 anos de idade, em uma poesia lírica, deixa transparecer que deseja passar sua vida a limpo, “ver sua existência”, como argumenta Sylvia Molloy, em seu *Vale o escrito*:

Um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa. A vida é sempre, necessariamente, uma história: história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa. Podemos dizer que a autobiografia é o mais referencial dos gêneros. A linguagem é a única maneira de que disponho para “ver” minha existência. Em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando.<sup>44</sup>

Na trajetória poética de Gilberto Mendonça Teles, visualizaremos temas que se repetem, mas que são atualizados em seus livros, com aspectos diferenciados. Assim o poeta discorre:

Todo poeta é bipolar, no sentido de que tem por um lado um fundo temático persistente e residual que o acompanha de livro a livro; e tem, por outro, a sua contínua atualização existencial. O poeta simplesmente tenta atualizar os mesmos temas, dando-lhe feições diferentes em cada poema, em cada livro. No meu caso, há temas renitentes, como o do amor, o da linguagem e o da própria vida: em vez de olhá-la de fora, como um crítico, procuro vê-la de dentro, como um poeta.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> MOLLOY, 2003, p. 19.

<sup>45</sup>Entrevista concedida a Iuri Pereira. *Gilberto Mendonça Teles entrevistado por Iuri Pereira*. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/45010510/Gilberto-Mendonca-Teles-entrevistado-por-Iuri-Pereira-da-Editora-Hedra>> Acesso em 02 jan. 2013.

Esses temas expostos pelo poeta são objetos da nossa dissertação. O tema “linguagem” foi analisado no primeiro capítulo e o tema “a casa” será dissolvido em versos sobre os pais, a família e a religião, pilares da estrutura poética gilbertina.

A “casa” é fundamental na vida do poeta, constitui sua essência, é sua força, sua inspiração. Sobre a amplidão desse significado, o filósofo Gaston Bachelard explana:

Pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão a casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano<sup>46</sup>.

Esse passado, presente e futuro são metamorfoseados em versos que, de forma cronológica, serão analisados neste capítulo.

## 2.1 Legado materno

O poeta carrega em si o passado. Pode fechar as gavetas e transportar para o leitor o desejo do instante. Escreve, guarda, reescreve, guarda e, nessa sublime tarefa de decisão e apuração, ele permite que o outro visualize fragmentos de sua vida em seus poemas. Como acentua Roland Barthes:

A linguagem só pode apoderar-se do corpo, quando o fragmenta: o corpo total está nos limites da linguagem, a escritura só se apodera de resíduos do corpo. Para fazer-ver um corpo é necessário deslocá-lo, refratá-lo na metonímia do vestuário, ou reduzi-lo a uma das suas partes; a descrição torna-se então visionária, volta a encontrar-se a felicidade da enunciação.<sup>47</sup>

Os leitores encontram na composição poética fragmentos que entrelaçam, formando, fio por fio, minúcias que os levam ao vislumbre do corpo total da linguagem.

Percebemos recortes da importância do primeiro lar nos poemas de GMT, da sua primeira morada, do seu amor primordial, conforme pontua Bachelard:

---

<sup>46</sup> BACHELARD, 1993, p. 26.

<sup>47</sup> BARTHES, 1979, p. 127.

Em suma, o amor filial é o primeiro princípio ativo da projeção das imagens, é a força propulsora da imaginação, força inesgotável que se apossa de todas as imagens para colocá-las na perspectiva humana mais segura: a perspectiva materna. Outros amores virão, naturalmente, enxertar-se nas primeiras forças amantes. Mas todos esses amores nunca poderão destruir a prioridade histórica de nosso primeiro sentimento.<sup>48</sup>

O primeiro e exclusivo amor é a pulsação do existir. Os segundos de uma história começam com o ritmo de corações entrelaçados numa miscelânea de emoções que se perpetuam em toda a sua extensão. O amor materno é essência, sentimento universal que, como espelho, reflete em todos os leitores. Essa capacidade de compor uma linguagem que é para o outro são, como comenta Octavio Paz, “As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. Por outro lado são anteriores a toda data: são um começo absoluto<sup>49</sup>.”

O amor materno é transportado para o poema “À minha mãe”, do livro *Aprendizagem de um romântico inveterado*:

Você, mamãezinha, você que me estima,  
você que cantava, embalando meu berço,  
aquela saudosa  
canção de ninar;  
você que me fala das coisas da vida,  
aceite este poema sem jeito, que rima  
minha alma sentida.

Você que inda ampara meu passo indeciso  
por esses caminhos tão longos e rudes;  
você com sorriso,  
com ternos conselhos me ensina virtudes,  
aceite esses versos sem jeito, mas que,  
ó minha mãezinha, eu fiz p’ra você.

Quisera lhe escrever os versos mais risonhos  
que a natureza bela e o florescer dos sonhos  
pudessem me inspirar.  
Quisera que meus versos tão bisonhos  
fossem como o brilhar de mil estrelas  
e refletissem rutilantes sonhos,  
a ternura lírica  
do sabiá saudoso do sertão.  
Fossem da juriti o tímido cantar,  
ou como quérulo regato pequenino,  
que rola alegre e calmo a murmurar,  
coleando pelo chão  
o dorso cristalino.  
E tivessem meus versos cálida harmonia,

<sup>48</sup> BACHELARD, 1997, p.120.

<sup>49</sup> PAZ, 1996, p.52.

do violão que chora e geme à flor do dia  
sentida serenata;  
tivessem o nascer da rútila manhã,  
o farfalhar gentil do rubro *flamboyant*,  
Fossem meus versos como o aroma da roseira  
quando na terra encanta e brilha a primavera.

Enfim, que o poema cheio de tristeza  
refletisse o encanto eterno da beleza,  
e fosse o trescalar sutil da formosura,  
o pipilar gentil das pequeninas aves,  
as carícias da brisa, as carícias suaves,  
o belo colorido, a límpida fragrância,  
o sereno bailar das rosas que se movem  
como os trôpegos passos da primeira infância.

Ó firmamento, empresta-me essa cor azul,  
a soberana cor que sempre impera!  
Dá-me esse brilho eterno e majestoso  
do cruzeiro do sul!  
que encanta o estrangeiro e reina poderoso  
nos céus do meu Brasil!

Empresta-me, Universo, os teus encantos mil:  
Atende à prece minha!  
Quero cantar em versos – nos meus simples versos –  
o dia em que nasceu a minha Mãezinha.<sup>50</sup>

Acontece no poema uma declaração de amor laboriosa. Suas preocupações sobre a harmonia dos versos são notórias; percebemos o resultado de um jogo de força extrema para que a musicalidade esteja presente. Verificamos a exaltação à pátria, com versos elogiosos ao Brasil, seguindo os passos de Olavo Bilac, imprimindo em seus versos a simplicidade e vocabulário culto.

A linguagem poética é iniciada com louvor, demonstrando conhecimento sobre a tecitura de um poema. Percebemos o uso das rimas ricas externas e consoantes, com aliterações e assonâncias. GMT utiliza o correto uso das rimas nesse poema, como pontua José Fernandes: “A rima é, agora, para Gilberto, não apenas reiteração fônica obrigatória, mas uma atividade lúdica nascida no fundo do espelho côncavo da existência da linguagem: jogo que cruzará com o conteúdo objetivo de seus poemas.”<sup>51</sup>

A mãe de GMT, Sra. Celuta Mendonça Teles, falecida em 1995, já havia publicado, em 1991, *História da menina de Pirenópolis*, em comemoração aos seus 80 anos. Seu livro *Minha vida de casada*, escrito em 1992 e editado em 2006, traz algumas observações sobre a infância de seus filhos, além do Gilberto Mendonça e José Mendonça Teles, dos seus outros

<sup>50</sup> TELES, 2011, p.196-198.

<sup>51</sup> FERNANDES, 2005, p.30.

filhos Lourival, Ideraldo, Laila e Clarinda, que morreu com dois anos em 1945 e a quem ele faz referência no poema “Memória”, de *A raiz da fala* (poemas escritos entre 1965 e 1970).

O rio começava  
no balcão. Mas a loja  
era funda e tão alta  
que os objetos, sem forma,  
se alinhavam no talo  
dos dias. (Os domingos  
eram rubros cavalos  
de violas e relinchos.)  
O mundo tinha apenas  
a dimensão do largo  
horizonte da igreja  
no centro, como um barco.  
Havia poucas coisas  
mais nesse tempo: a chuva  
de vento, algumas moças  
e à noite estranhos uivos  
de sombras (que) são almas  
semprevivas gemendo  
suas asmas, seu álcool  
destilado por dentro.  
(Uma imagem se alonga  
nos meus braços, franzina...  
Que lembrança se esconde  
inda clara — Clarinda —  
nessa face presente?  
Que silêncio de terra  
te envolve para sempre  
nessa morte tão bela  
que a viagem guardou  
como sua, distante?)  
Tudo agora tem outro  
sentido: o mundo é grande  
e a vida tem absurdos  
e apelos. Mesmo assim,  
nesse (in)tenso circuito,  
há um rio que ainda  
vem de longe, secreto,  
se enrolando no vão  
dessa lo-  
já sem metro  
no balcão.<sup>52</sup>

Viajamos junto com o poeta, nessa cidade pequena onde a igreja é o centro e a loja um rio, espaços que são vividos na juventude do poeta. E, na loja, seus pensamentos fluem como a água, rememorando o passado, trazendo para o presente, lembranças ternas de Clarinda, que

---

<sup>52</sup> GMT, 2003, p.573-574.

trouxe outro sentido a sua vida e que segue como correnteza do balcão de trabalho para o mundo.

Ao colocar entre parênteses seus versos, o poeta captura a recordação da morte de Clarinda, prende o seu sentimento perante a morte, mas enfatiza as suas lembranças na escrita. Como expõe o crítico José Fernandes ao analisar o poema “Ciclo” de *Plural de Nuvens*: “Estabelece-se, desse modo, uma contradição entre mostrar-se e o esconder-se, fazendo que os parênteses, em vez de encerrar tudo aquilo que *compromete*, na verdade, esteja possibilitando-o mostrar-se e esconder-se mais que o normal dos discursos.”<sup>53</sup>

Gilberto Mendonça Teles foi o irmão que ajudou na doença de Clarinda, chamada carinhosamente de Nenenzinha. Assim escreveu de Dona Celuta:

A Nenenzinha adoeceu e ficou muito mal, o corpo estava todo duro, não mexia de jeito nenhum, só os olhos viravam. O Nêgo estava bebendo. Ele me disse: — Vá à casa do Filó (que tinha um caminhão) e diga a ele que eu preciso que ele nos leve até São Geraldo. O Filó se mostrou prestativo. Arrumamos a viagem e fomos, o rio estava dando na ponte de tão cheio que estava. Levei o Gilberto para me ajudar com a Nenenzinha, deixei os meninos com a comadre Geralda.<sup>54</sup>

A imagem franzina de Clarinda nos braços do poeta, descrita no poema, traz o passado à tona, a tristeza da perda; a saudade marca a poesia de Gilberto Mendonça Teles. Respeito e dedicação de um jovem iniciante na escrita de poemas, que relembra a base sólida de sua vida, braços e falares substanciais da Mãe que guiou desde o primeiro choro ao sair do conforto da placenta e continua embalando seus dias.

Como somos parte de uma somatória de afetos, carregando entre nós o muito doado por nossos pais, que além do dom da vida, cercam-nos de carinho e cuidados, transformando nossa existência, melhorando nosso porvir. Assim Gilberto Mendonça Teles nos apresenta a importância do bem falar que sai dos lábios da mãe que conforta, no poema “Bênção”, do livro *Aprendizagem*:

Cada dia, mamãe, que escuto a tua bênção,  
que a tua voz escuto a me dizer: “Meu filho,  
Deus te abeçoe”, eu sinto na alma um grande brilho,  
tuas palavras, Mãe, em luz se me condensam.

Ah! Infeliz do que, sozinho, segue o trilho  
da existência, sem ter carinhos que compensam

<sup>53</sup> FERNANDES, 2005, p.195.

<sup>54</sup> TELES, Celuta, 2006, p.123-124.

as alegrias vãs das tristezas que apensam  
à vida o gargalhar atroz de um empecilho!

Por isso, Mãe, que, ouvindo as tuas ternas vozes,  
toda minh'alma assoma-se em apoteoses  
de luz e vida, amor e glória aos Céus, a Deus...

E num frêmito imenso este soneto arranjo  
para ti, Minha Mãe, celestial arcanjo  
que vem acalantar os desenganos meus.<sup>55</sup>

No poema a figura materna se confunde com Maria, mãe de Jesus. A mãe é colocada em um pedestal, cuja voz meiga acalenta os desenganos do filho. Percebemos tal veneração quando a palavra mãe aparece em letra maiúscula, enfatizando a elevação de sua significância, como acontece com os substantivos céus e Deus.

A bênção materna suscita na alma a certeza da proteção divina que, segundo Chevalier e Gheerbrant, no livro *Dicionário dos símbolos*, “a bênção significa uma **transferência de forças**. Abençoar quer dizer, na realidade, santificar, *tornar santo pela palavra*, i.e., aproximar do santo, que constitui a mais elevada forma de energia cósmica<sup>56</sup>.”

Entendemos que o jovem quer ouvir a bênção que acalenta a alma; que independente de dia ou noite, a voz materna não espera para lançar a bênção e proteger aquele que saiu das suas entranhas; que é inimaginável um filho perambular pela vida sem os abraços protetores, sem a voz curadora dos desenganos. O jovem teve amor que sobrava, dedicação da mãe que queria, mesmo à distância, colocá-lo por perto, e junto com os outros filhos, colocá-los debaixo das asas grandes e fortes. E sua persistência em doar amor, fazia que o poeta jovem tivesse o bálsamo da bênção materna para protegê-lo de todos os temores. Dessa forma, ele constrói sua “biografia” a partir de cercaduras de suas vivências, dispostas em fragmentos, que forma sua história. Roland Barthes, sobre o fragmento, ressalta: “o fragmento (tal como o haiku) é torin: implica um desfrute imediato: é um fantasma de discurso, um bocejo de desejo. Sob a forma de pensamento-frase<sup>57</sup>.”.

Esse soneto nos remete ao poeta que aprende a fazer versos dialogando com o referencial bíblico, manifestando sentimentos humanos, relatando com o arranjo harmonioso das palavras, a temática do amor materno. Como esclarece Octavio Paz, “A única característica comum a todos os poemas consiste em serem obras, produtos humanos, como os quadros dos pintores e as cadeiras dos carpinteiros<sup>58</sup>.”.

<sup>55</sup> TELES, 2011, p. 143.

<sup>56</sup> CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p.129.

<sup>57</sup> BARTHES, 1976, p. 114.

<sup>58</sup> PAZ, 1982, p. 19.

Quanto à métrica, nas quatro estrofes, pode-se dizer que as rimas seguem o esquema ABBA, ABBA, CCD, CCD; as rimas tipo “A” são emparelhadas e as rimas tipo “B” interpoladas, com rimas consoantes, com a presença de aliterações e assonâncias, marcando o ritmo que adocica os ouvidos do leitor. Sobre o uso constante das rimas consoantes, José Fernandes afirma que:

Ademais, quanto ao aspecto formal, a preferência pelas rimas consoantes, em detrimento das rimas soantes, marca a poética do Gilberto em seus primeiros livros, provando que procurava ele a perfeição formal dos parnasianos, mesmo mesclada de recursos próprios do simbolismo e romantismo.<sup>59</sup>

É constante a inquietação do poeta em versejar dominando o instrumento peculiar à poesia que é o aspecto formal, mas já trazendo sua marca, diferenciando-o dos outros colegas de ofício.

Percebemos que as lembranças vividas são guardadas em nossas moradas interiores que constituem o presente. O habitar é pessoal. Os afetos, as crenças, as decisões circundam os passos dados no passado. O mistério de viver está ligado aos caminhos trilhados pelo poeta e os sentimentos recolhidos são formas de excitação para realizar a composição do poema, como aponta José Francisco da Gama e Silva no livro *Plumagem dos Nomes*:

O poema, ao mesmo tempo que revela, é silente e reticente. Ao mesmo tempo que, por meio da palavra, penetra na espessura das coisas, trazendo-as à vida, permanece na coisa dita uma zona de sombra, alguma coisa inaudita, que aponta para o indizível, para o mistério do ser, para além das possibilidades semânticas da palavra. Algo excita o poeta à realização do poema: uma inquietação, algo perdido, uma ausência, um desejo de surpreender a exata nudez do ser humano na expressão do inefável, do confuso; uma emoção, um vento escuro e belo, água de rio que flui e exige as margens de contenção da sintaxe poética para se tornar audível e transmutar-se em *fiat*.<sup>60</sup>

Ao transportar para seus poemas sentimentos do gênero humano, o poeta joga com as palavras, testemunhando sensações dos homens, desde a imaginação aos fatos marcantes cravados na alma, sentimentos que alimentam o poema, como é exposto por Octavio Paz: “O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas. O poema constrói o povo porque

---

<sup>59</sup> FERNANDES, 2005, p.94.

<sup>60</sup> TELES, 2007, p.419.

remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original.”<sup>61</sup> Assim, deparamos com as imagens maternas no poema “Dedicatória” do livro *Álibis*, cujos versos remetem ao leitor o sentimento abrangente e comum a toda humanidade: o amor de mãe:

*Era tão bom dizer: “Chego no fim  
do mês” e ouvir: “Eu já estou contente”,  
sabendo que de longe, me sorrindo,  
ela afagava o amor do filho ausente.*

*Era tão bom chegar e, de manhã  
(daqui a vejo no portão da frente),  
pedir-lhe a bênção — óleo de lavanda  
e graça de ter tudo de repente.*

*E agora é bom apenas fruir com  
doçura a sua voz no sonho, ativa,  
modulando as canções e recompondo*

*os sentidos da luz que sempre vem  
da imagem que deixou, intransitiva,  
no ermo da vida transformada em lenda.*<sup>62</sup>

Esse poema revela o universo vivenciado num passado de projeções de amor assinaladas na vida do filho que perdeu a presença física do alento maternal. O fato de estar longe e o chegar para o sorriso na recepção da mãe já eram uma revelação do seu indescritível afeto.

Seus vestígios e a brandura da voz adornarão o presente daquele que fica. Agora é prosseguir com a figura ativa que modula as canções, preenchendo em forma de luz os espaços da vida que se segue com as estações do tempo.

Ao construir a imagem materna no seu itinerário poético, verificamos a preocupação com a forma, com os efeitos que proporcionam o ritmo ao soneto, que sugere uma visão musical, como identificou Luciana Netto de Sales no seu texto “Álibis e as janelas do invisível”, no livro *Plumagem dos Nomes*, sobre o poema em análise:

Além da presença de versos decassílabos, o esquema de rimas confere uma sonoridade peculiar ao poema: estamos diante de rimas sonoras suficientes, como *contente/ ausente; frente / repente*; e uma rima soante opulenta: *ativa / intransitiva*. Mas é curioso o uso da rima toante: *fim / sorrindo; manhã / lavanda; com / recompondo; vem / lenda*: essas rimas na verdade são soantes

<sup>61</sup> PAZ, 1982, p.49-50.

<sup>62</sup> TELES, 2003, p. 89.

*suficientes* desde que observemos o *enjambement* com o verso seguinte: *fim do / sorrindo; manhã (da / lavanda; com do / recompondo; vem da / lenda.*<sup>63</sup>

Há uma personificação da imagem materna, numa marcante visão do passado, com sorrisos, afagos, e o sentir do perfume ao pedir a bênção. A imagem-palavra remete às lembranças simples do filho que é ausente, do filho que volta ao acalento e que apenas no sonho poderá aprisionar a luz que a mãe projeta nas entranhas do presente, a imagem perpetua o tempo. Na poesia acontece a revelação da ausência e da eterna saudade, como observa Octavio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro e magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente.<sup>64</sup>

A poesia tem a propriedade de dialogar com o vazio do homem na ausência da personificação do amor materno. O poema “Dedicatória” traz o convite ao passado que norteará o futuro daquele que lidará com a saudade.

Dona Celuta era continuamente guardada pelo filho poeta, como descreveu em seu livro *Minha vida de casada*: “O Gilberto, não levou muito tempo, se casou com Maria. Mesmo casado, ele sempre me dava dinheiro e quando eu adoecia, me levava ao médico, sempre olhando por mim”.<sup>65</sup>

Na escrita de Gilberto Mendonça Teles pode-se perceber que a mãe é recriada. O poeta retornava para o colo da Mãe que se aprontava e alegrava para recebê-lo. Dona Celuta preocupava-se, preparava-se para receber o filho que morava no Rio de Janeiro. Ela era o abraço sempre caloroso, a voz melodiosa que o esperava sempre, como cita D. Celuta:

Aposentado pelo AI-5, o Gilberto mudou-se para o Rio, ficou mais perto: ele telefona, vem com a família, mas vem muitas vezes sozinho, a trabalho ou para pescar com o Domiciano e com o Jackson Abrão. Fico toda contente, quando estou esperando por ele, até saro das minhas molezas: fico esperta arrumo a casa, faço biscoito, mas as últimas vezes que ele tem vindo, estou sempre doente, não dou conta de fazer biscoitos, acho ruim isso.<sup>66</sup>

<sup>63</sup> TELES, 2007, p. 459.

<sup>64</sup> PAZ, 1982, p.15.

<sup>65</sup> TELES, Celuta, 2006, p.170.

<sup>66</sup> TELES, Celuta, 2006, p.193.

Gilberto Mendonça sempre estava pronto para ajudar seus pais. Mesmo longe, tentava fazer o máximo para que eles tivessem menos preocupações. Como o empréstimo da casa em 1966:

Quando ele foi para o Uruguai, em 1966, disse para nós irmos morar na casa dele, no IAPC. Até então morávamos no Setor dos Funcionários, numa outra casa dele. Deixei lá toda a mobília, não levei nada, pois na casa do Gilberto já tinha tudo. Moramos lá até setembro de 1977, quando o Nêgo faleceu.<sup>67</sup>

O encontro desejado com o semblante materno, que não é mais possível desde 1995, é expresso cautelosamente; o leitor percebe que o poeta não se lamuria, pois sempre que era possível retornava para a proteção materna.

Segundo Walter Moser “Contrariamente ao sujeito nostálgico, o sujeito melancólico sabe que o objeto perdido ou longínquo não é recuperável, que será sempre inatingível”.<sup>68</sup> Ninguém é preparado para a morte. Nem os parentes de pessoas que jazem nos leitos doentes há muito tempo são preparados para perder. O ser humano agarra-se àquilo que tem, que vê e pega. E morte corta todas as esperanças de vermos nossos queridos. Em 1968, Gilberto Mendonça perdeu o Pai, Seu Nêgo, e, em 1995, a Mãe se foi. A saudade não diminui com o passar do tempo.

Depois da morte de minha mãe, passei algum tempo sem interesse de voltar a Goiânia, faltava-me uma motivação, um sentido de vida. Um dia, um ano depois, recebi convite para uma conferência na Universidade Católica (hoje PUC- Goiás). Fui e a partir de então a ausência de minha mãe foi-se fazendo presença pelo fascínio da recordação. A sua imagem se transformava numa linguagem silenciosa, e poética.<sup>69</sup>

O poeta recorda-se das imagens maternas, que estão caladas e guardadas secretamente em seus versos. Ele nomeia um sonho impregnado de saudade como “A Casa de Vidro”, poema encontrado também no livro *Álibis*, porém, foi escrito em Lisboa em Março de 1997, depois da morte da sua mãe:

---

<sup>67</sup> TELES, Celuta, 2006, p.193.

<sup>68</sup> MOSER, 1999, p.50.

<sup>69</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

No sonho e na poesia  
vai elaborando a essência  
do que não se perde nem se altera  
na língua comum dos homens.

Anterior às circunstâncias,  
filtrada de si mesma e seu refúgio,  
a imagem não conheceu ainda nem o remorso  
nem a fuligem mais precária da vida.

E pode assim surgir na transparência  
de uma casa de vidro, onde a figura  
real de minha mãe, iluminada,  
me sorria e acenava,  
deslizando-se  
pelo perfil das portas invisíveis.

Aí o espírito sereno  
foi-se igualando à pura densidade  
da luz, quando o seu nome, rarefeito,  
de repente ecoou no mais extremo,  
no sem-fim da fala absoluta.<sup>70</sup>

Esse poema também dá título à sua antologia em espanhol *La casa de vidrio*. O poema veio de um sonho: GMT viu num sonho sua mãe sorrindo para ele e se afastando de costas, atravessando várias camadas de nuvens transparentes, sempre sorrindo. Percebemos o jogo com o nome dela, Celuta, nome de uma personagem indígena do livro *Nachez*, de Chateaubriand. Ele termina o poema com a palavra absoluta, como se o nome dela se encontrasse dentro do Absoluto de Deus.<sup>71</sup>

No poema, percebemos a existência da metalinguagem, o poeta revela sobre a sua musa primeira: a poesia. Suas artimanhas, suas teias sedutoras, suas imagens, suas melodias seduzem o poeta que anseia por sua presença em sua linguagem.

Percebe-se a presença da mãe iluminada, que preencheu a vida do poeta, que traz rastros de luz paralelos às pisadas da saudade, que invadem o ambiente poético do poeta. As marcas de sua mãe ficaram impressas na história da poesia de Gilberto Mendonça Teles, como pontua Maria Zaíra Turchi, no seu texto descrito no livro *Plumagem dos Nomes*:

A história da vida de um poeta não pode ser outra coisa do que a história de sua poesia. A poesia é mais o que ainda não foi dito do que seu próprio passado; cada poema desfaz e refaz, por ele, a idéia que se tinha da poesia e que vinha de outros poemas. A vida do poeta é sua própria linguagem, cada

<sup>70</sup> TELES, 2003, p.111.

<sup>71</sup> O que é escrito neste parágrafo sobre o poema trata-se de uma conversa com o autor Gilberto Mendonça Teles.

poema, longo ou curto, é, apenas, um percurso, por isso, toda obra poética é inacabada, escrever se transforma numa eterna procura.<sup>72</sup>

Percebemos que são evidentes as demonstrações de carinho e respeito que o autor sentia pelo ícone materno; são transparentes nos versos do escritor os sentimentos que nutria por sua mãe.

## 2.2 A imagem do pai

Quanto à imagem paterna, no que concerne aos nossos estudos, percebemos o distanciamento do pai nos poemas que são dedicados a ele. Nos livros *Aprendizagem* e *Linear G*, em que se tornaram nítidas as expressões de carinho, respeito e tentativas de diálogo do filho com o pai.

O que pode ser verificado nos excertos dos poemas é que o “eu” poético permitiu que seus leitores tivessem pouco acesso ao patamar de emoções que compõem a relação afetiva com o pai. O que não aconteceu com a figura de D. Celuta.

A primeira manifestação de amor pelo Pai, Seu Nêgo, está descrita no poema Adolescente “Prece – I”:

Este poema tão pequeno,  
Sem imagens, sem moldura,  
vai aqui como ternura  
a meu Pai.

E vai também ao Padre Eterno  
E a Santíssima Trindade  
Pedindo para o meu pai  
Saúde e felicidade.

Mas acima de tudo peço  
E ele há de me escutar  
Que meu pai nunca mais queira  
Nem beber nem jogar.<sup>73</sup>

O poeta coloca de forma aclarada a preocupação com a saúde paterna, o desejo de ver o semblante paterno envolvido de alegria e, como criança que não gosta de vê-lo bebendo, jogando, causando situações em que não podia intervir, somente ouvir e calar. Trata-se do

---

<sup>72</sup> TELES, 2007, p.166.

<sup>73</sup> TELES, 2011, p.268.

chefe da família, trata-se daquele que é exemplo. Simplesmente reza e pede que a mão de Deus se mova e livre o pai de todo mal.

No poema “Prece”, percebemos o sentimento do poeta ao deparar-se com a situação de não querer que o pai fizesse ações que despertassem sentimentos ruins na mãe tão amada. São recortes do passado do poeta que estão disponibilizados aos leitores.

Percebemos o jogo do poeta, na criação de um terceto, de rimas externas e consoantes. Já mostra a armação com palavras, produzindo a musicalização, utilizando vocabulário simples em seus versos regulares.

Perambulando nos versos de GMT, o leitor se permite conhecer nuances entre a verdade e a ficção da sua vida, como esclarece o poeta e jornalista Tanussi Cardoso, no livro *Plumagem dos Nomes*:

Conhecer um poeta ou um escritor não é somente estudar sua obra. Além de debruçar-se sobre a mesma, há de se tentar saber um pouco do seu criador, para que, num processo paralelo, se possa aferir o quanto nela existe de quem a idealizou. Tentar reconhecê-lo em seu texto, ou melhor, senti-lo retratado, perpetuado ou não dentro dele. Verificar se é o espelho de seu caráter ou se ambos – criador e obra – vivem de forma dissociada.<sup>74</sup>

Com dezessete anos, GMT escreve outro poema sobre o desejo de felicidade para os pais, que tivessem um longo caminho juntos e que seguissem com saúde, como é descrito no poema “Prece-II”, do livro *Aprendizagem*, no qual se percebe o domínio da métrica:

Estes versos tão singelos,  
Brotados do coração  
São inspirados por ela,  
Mãezinha do coração.

Eu rezo à Nossa Senhora  
Rezo com força e bondade  
Para dar à minha mãe  
Um mar de felicidade.

Já pedi a São José  
Nas rezas que sempre fiz  
Que desse amor a meus pais  
Para uma vida feliz.

Vida reta e caminho certo  
São os votos do Gilberto.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> TELES, 2007, p.196

<sup>75</sup> TELES, 2011, p.268-269

Verificamos a intertextualidade com a Bíblia, na referência da presença dos pais de Jesus, Maria e José, no poema. Ele invoca que seus pais tenham o exemplo da sagrada família, pedindo a retidão, amor para compartilharem uma vida plena, seguindo juntos o caminho da vida.

Na última estrofe, quando termina com o nome “Gilberto”, percebemos que o poeta se insere no poema, valida sua escrita, abrindo espaço para que o leitor adentre no universo de fragmentos autobiográficos de sua vida, registrando um pouco de si, como Lejeune enfatiza: “O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio”.<sup>76</sup>

Escrever é assistir novamente a tudo o que foi armazenado, é rememorar o inesquecível, é voltar e tentar sentir diferente o mesmo ardor vivido. Como Gilberto Mendonça Teles assinala em uma entrevista para Cláudia Nina, em seu livro *Plumagem dos Nomes*: “Um bom escritor nunca rompe abruptamente com o passado, ele faz o novo sair de dentro do velho, do tradicional, renovando-o por dentro, pela linguagem. Todo novo é uma flor dentro de uma árvore. Neste sentido, o Eclesiastes tem sempre razão<sup>77</sup>.”.

O poeta escolhia as palavras, preocupando com as rimas, com a técnica, com a meta da perfeição em seus versos. Seu esforço de aprendiz abre os horizontes para culminar em poesia, a começar por sua experiência original de amor aos pais, como é pontuado por Paz: “O poema é a mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a esta experiência que o poema consagra<sup>78</sup>.”.

No início do poeta, percebemos a preocupação com a linguagem. Cômico da importância em versificar e ampliar sua escrita, GMT conclui na entrevista às autoras Maria Fernanda Silva e Maria Helena Geordane Rangel, no livro *Gilberto: 40 anos de poesia*: “Só posso concluir que a poesia é para mim uma linguagem especial, encantatória e lúdica, abstrata na sua essência e concreta na estrutura artística do poema, destinada, além do mais, a expressar o que de certa forma escapa ao utilitarismo da linguagem comum<sup>79</sup>.”.

São confirmados os desejos de felicidade para os pais, aspirações comuns de todo filho que ama seus precursores. Conforme apontamento de Lejeune no livro *O pacto autobiográfico*:

---

<sup>76</sup> LEJEUNE, 2008, p. 33.

<sup>77</sup> TELES, 2007, p. 675.

<sup>78</sup> PAZ, 1996, p. 53.

<sup>79</sup> COELHO, 1999, p.155.

Por que se gosta dos poemas e das canções? Sobretudo quando dizem “eu”? Porque estes, bruscamente, são a justa expressão de um sentimento que em nós procurava suas palavras e sua música próprias. Por isto os adotamos, reconhecemo-nos neles. E aquelas palavras que servem bem de roupagem a nossa experiência, supomos que vêm diretamente da experiência e do coração do poeta.<sup>80</sup>

Assim, o poeta expõe seu passado em tecituras de poemas que vão permitindo ao leitor conhecer, partilhar suas memórias e reconhecer os sentimentos universais propostos na sua poesia.

Com o verso do poema “Suspiros”, do livro *Aprendizagem de um romântico inveterado*, iniciamos com a forma com que o poeta ilustra o tempo mágico do seu passado:

O poeta suspira seu tempo de infância,  
Os belos momentos que traz a memória,  
Na doce visão perdida nos anos  
Na doce visão que o passado – retém.<sup>81</sup>

Nos versos, figura o passado do poeta, que leva à trilha cintilante das imagens do saudoso tempo pueril, perfazendo a ponte invisível que faz a travessia aos arquivos guardados no passado. De acordo com Alfredo Bosi, isso ocorre porque, na poesia, “cumpre-se o presente sem margens do tempo, tal como o sentia Santo Agostinho: presente do passado, presente do futuro e presente do presente. A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo, que ela invoca, evoca, provoca”.<sup>82</sup>

Nas suas memórias sobre a relação do esposo Nêgo<sup>83</sup> com os filhos, D. Celuta afirmava que o “Gilberto foi o que mais sofreu com o pai, porque o Nêgo era muito bravo com ele, qualquer coisa queria bater<sup>84</sup>.”.

O poeta desde a infância lidava com as palavras, mesmo que para ser objetivo com o pai, explicando suas travessuras, respondendo por elas, como observa D. Celuta:

Uma vez, Gilberto já estava grandinho e quebrou a seringa de aplicar injeção. Quando o Nêgo foi tomar injeção e viu a seringa quebrada, virou uma onça; queria saber quem tinha quebrado, então, eu disse que tinha sido eu. Meu Deus! Ele só faltou me bater. Depois de tudo isso, o Gilberto veio para perto de mim, me abraçou, e disse: - Mãe, nunca mais a senhora vai levar culpa do que eu fizer. De hoje em diante, tudo o que eu fizer que deixar meu pai zangado, eu digo a ele que fui eu. Desde então passou ser assim, se

<sup>80</sup> LEJEUNE, 2008, p. 94.

<sup>81</sup> TELES, 2011, p. 226.

<sup>82</sup> BOSI, 1977, p. 121.

<sup>83</sup> Seu Nêgo faleceu em setembro de 1977.

<sup>84</sup> TELES, Celuta, 2006, p.109.

ele fizesse alguma arte e o Nêgo quisesse saber quem tinha feito, chegava e dizia logo fui eu, pai. Com isso o Nêgo perdia a vontade de ficar zangado.<sup>85</sup>

Gilberto Mendonça Teles fazia o máximo para não ter atritos com o pai, não queria envolver a mãe que tentava guardá-lo dos dissabores da incompreensão paterna. Ele soube ser corajoso e enfrentar o pai; ele não queria ter medo, não queria viver com esse peso nos ombros, devido à origem do seu pai, conforme ele mesmo descrevera na entrevista a Giovanni Ricciard do livro *Biografia e criação literária*:

Meu pai, de origem rural, era comerciante, e sua preocupação era a de que eu também me tornasse comerciante ou um grande advogado. Ele percebia que era a grande profissão num meio ambiente em desenvolvimento, de muitos problemas com terras e que atraía gente de todos os lados do Brasil. A partir dos doze anos, eu já trabalhava com ele na loja. Hoje vejo que ele me ensinou uma coisa importante: a obrigação de estar na hora, de fazer as coisas bem-feitas, o melhor que pudesse, o que me parece ter relação com a minha preocupação de pontualidade, de fazer na poesia, na crítica, no magistério, em tudo, o melhor que possa.<sup>86</sup>

Gilberto Mendonça Teles, após a sua adolescência e com sua maturidade, foi vivendo sua vida, sendo pai, vendo o seu passado sob outro prisma. Seu sonho de um encontro para dizer tudo o que sentia em seu coração mudou para a quietude da aceitação. Ele procurou ficar com o melhor do aprendizado paterno. E a imagem que ficou foi a tranquilidade de seu Nêgo, um pouco antes da sua morte em 1977, descrita no livro de *Minha vida de casada* de Dona Celuta:

Uma semana antes da sua morte, em 12 de setembro de 1977, estive em Goiânia. Fiquei como sempre, na casa deles, no IAPC. Pedi-lhe que me desse uma carona. Fomos ao Setor Sul, à casa da D. Nelly Alves de Almeida. Ele não quis entrar: ficou no carro à minha espera. Não reclamou e pouco falou. Estava manso como nunca foi. Voltei para o Rio com a imagem tranqüila do meu pai. Dois dias depois foi internado. E pela última vez. Carlos Drummond de Andrade, ao saber da morte do meu pai, me escreveu dizendo: “*Sei de ciência própria, o vazio interior que ocorre quando se perde o Pai, mesmo se a comunicação aparente com ele não é grande ou contínua. Mas o equilíbrio se estabelece à proporção que vamos incorporando uma segunda e definitiva imagem do pai, feita de pura lembrança, a enriquecer-nos moralmente. Você vai sentir a presença do seu, bem perto, na sua vida, e isto lhe fará bem*”.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> TELES, 2006, p.101-103.

<sup>86</sup> RICCIARD, 2009, p.240.

<sup>87</sup> TELES, 2006, p.217.

Perder o amor paterno finaliza uma quantidade de interrogações interiores. As lacunas de melhores vivências não serão mais preenchidas. Fica a tarefa de aceitar as imagens suaves paternas e seguir o ritmo dos passos do tempo.

Segundo Jacques Le Goff, “A memória, como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar, ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”<sup>88</sup> Gilberto Mendonça Teles permite que o leitor vislumbre, ao visitar o livro *Aprendizagem*, um recado especial em forma de poema. Seu pai era cercado de amor por todos os lados, mas, na sua criação, o respeito imperava e os filhos não tinham o livre acesso aos corações dos pais. Sistema patriarcal que funcionava. As imagens do passado residem na memória criando um arquivo que funciona ao som da voz do criador – o eu.

Uma clara tentativa de reencontrar com o semblante paterno e tentar colocar as palavras guardadas no interior do poeta é percebida no poema “Encontro”, do livro *Linear G*:

Meu pai, agora lhe peço  
presença, fala, negócio,  
essas coisas com que rezo  
pedindo um encontro nosso.

Tão sério, quase intratável,  
cismava enquanto bebia;  
sem sorte, apenas jogava  
o destempero da vida.

Gostava do seu torresmo,  
de couve, milho, taioba;  
tinha o seu lado travesso,  
seu gosto pela viola.

Para agradar o menino  
que viajava na garupa  
fazia flauta, assobio,  
dava pedaço de fruta.

E foi lhe dando a esperança  
de atravessar o difícil,  
de não temer a demanda  
nem o vau do precipício.

Mas porque não houve nunca  
uma fala, um gesto, um jeito,  
uma afeição mais profunda  
representada sem medo?

---

<sup>88</sup> LE GOFF, 2002, p. 419.

Depois da sua viagem  
sem retorno e sem sentido,  
soube da sua prosápia,  
de seu amor pelo filho.

Eis que lhe peço meu pai,  
a alegria de um encontro  
para acender na minha alma  
as lanternas de outro sonho.<sup>89</sup>

Esse poema traz em si um recado calado de tamanha emoção. A profundidade do sentimento é sombreada pelo respeito e falta do espaço, falta de diálogo, falta de tempo. O filho que observava, obedecia e, às vezes, entendia nada. O álcool, as festas afastavam toda a forma de aproximação, e a possibilidade de um encontro verdadeiro, em que as palavras do poeta seriam a ponte de aproximação à imagem paterna, é aguardada e desejada com intensidade.

Um sentimento que se pode extrair desse poema é que o “filho” revê suas memórias, avalia seu passado, numa tentativa de deparar-se com o que foi perdido e reconstruir a si, sendo uma prática autobiográfica, como é verificado pelo crítico Costa Lima, quando observa que as memórias e as autobiografias substituem os espelhos que, implacáveis, “assinalam o desgaste dos traços, o torpor dos olhos, a redondeza do ventre”.<sup>90</sup>

Percebemos a composição autobiográfica nesse poema, um ponto unificado com a poesia, conforme é proposto por Philippe Lejeune:

A poesia não está em toda parte, a autobiografia também não. Uma pode ser instrumento da outra. Não há mal nenhum em reconhecer que são duas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, admitir-se a possibilidade de que têm muitas interseções. Pode-se tomar o termo autobiografia num sentido amplo e vago, ou estrito e preciso. Assim como a poesia.<sup>91</sup>

No poema “Encontro” o leitor tem conhecimento dos sentimentos do poeta. Nas redes da poesia, fatos da história dos poetas são revelados.

O martelar de recordações sobre a sua vivência com o pai, Seu Nêgo, ficou claro nesse poema. A memória é lacunar, atravessada pelo esquecimento, e diante da impossibilidade de reverter o vivido, o esforço de reconstrução do passado submete os acontecimentos a uma hierarquia que os rearranja. O filho era reservado com o pai, o respeito imperava mais que a

<sup>89</sup> TELES, 2010, p.122-123.

<sup>90</sup> COSTA LIMA. 1989, p. 244.

<sup>91</sup> LEJEUNE, 2008, p. 88.

necessidade de conversar sobre sentimentos, esse ofício era da Mãe, D. Celuta. Sobre o relacionamento paterno, GMT foi claro:

Devo a meu pai, nascido em 1907 e comerciante, esta preocupação com a pontualidade: ser pontual e desejar que os outros (principalmente alunos) sejam pontuais nos encontros comigo. Sendo o filho mais velho, era eu quem abria a loja às 7 horas e a fechava às 18. Sem bancos na cidadezinha, era eu quem levava e buscava dinheiro em Anápolis, sede do município, tendo às vezes de caminhar a pé mais de trinta quilômetros com o dinheiro no bolso. Tudo isso gerou em mim o sentido da responsabilidade e do dever. Declarei certa vez numa entrevista que meu pai e o trabalho no IBGE foram os responsáveis pelo meu lado crítico, pelo meu gosto pela objetividade. O poema “Encontro”, de *Linear G*, responde bem a sua pergunta sobre o relacionamento com meu pai.<sup>92</sup>

Ao fazer um poema pensando no Sr. João Alves Teles, retratando em primeira pessoa seus sentimentos no poema “Encontro”, Gilberto Mendonça Teles tenta “fazer falar os silêncios, a versão dos vencidos, restituir os passados vencidos”<sup>93</sup>., como retratado por Aguirre Rojas em seu texto “La autobiografia como gênero historiográfico”, sobre gênero autobiográfico.

## 2.3 Amor

Iremos analisar o que o autor apresenta em sua escrita poética sobre a esposa Maria<sup>94</sup> e seus filhos Antônio e Luciana. Em 1965, o poeta inicia-se nas primeiras de suas incontáveis viagens para o exterior e continua fazendo palestras, vislumbrando sempre outros cantos para conduzir seus ensinamentos sobre seus vários ofícios.

Era preciso, no passado, que a esposa Maria zelasse por sua família em tantas ausências. A confiança em que tudo estava nas melhores mãos fazia que o poeta se dedicasse ao máximo aos seus escritos. Filhos pequenos exigiam grande atenção e Maria do Rosário<sup>95</sup>, além de mãe amorosa, auxiliava na criação dos filhos.

<sup>92</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

<sup>93</sup> AGUIRRE ROJAS. In: *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*, p. 41.

<sup>94</sup> Quem conhece Gilberto Mendonça Teles acaba conhecendo quem é sua Maria. Casou-se com Maria do Rosário Correa de Moraes, sua colega de Letras Neolatinas, em 1958. São 54 anos de um casamento, no qual é percebida a importância daquela que vai à frente, que abre os caminhos para que o poeta possa trilhá-los.

<sup>95</sup> A mulher escolhida para partilhar todos os momentos, alegres, tristes, fáceis, difíceis. Aquela que irá continuar a missão da Dona Celuta Mendonça Teles, mãe do poeta GMT, continuar seguindo os passos na religiosidade; casaram-se na Igreja Católica, seguindo todo ritual de um casamento que hoje persevera. Tem dois filhos Antônio, que nasceu em Lisboa, no ano de 1965 e Luciana que nasceu em 1972, no Rio de Janeiro.

O livro de Gilberto Mendonça Teles, *Fábula de fogo*, escrito em 1961, que ganhou Prêmio Leo Lynce, da União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás, contém poemas escritos entre 1958 e 1961 e é chamado livro de Maria – livro de Noivado. No prefácio para o livro dado para Maria do Rosário, GMT fala de poesia:

Maria, o livro tem fogo  
Mesmo, ou é simples fumaça?  
E a fábula será jogo?  
Será coisa de trapaça?  
É coisa de “pedagogo”  
ou tem lá a sua graça,  
seu jeito de desaforo  
ou de amor que nunca passa?

Tem fogo o livro, Maria?  
Melhor: terá poesia?<sup>96</sup>

Vemos nesse poema a primeira vez em que o nome de Maria se apresenta no contexto estudado, mas depois fica implícito nos outros poemas. Percebemos que a ficção se mescla com a realidade, deixando nas entrelinhas a encenação do nome referenciado com a história da sua vida, fundamentando o tear autobiográfico na sua escrita. Assim Raquel Rolando Souza relativiza sobre a autobiografia na poesia:

De uma maneira geral, no que concerne aos estudos literários, os interesses se direcionam para o entrecruzamento da ficção com a realidade propriamente dita, o estabelecimento de um processo identitário muitas vezes conturbado e complexo, a curiosa possibilidade de reviver o passado para melhor entendê-lo, enfim, para um sem-número de aspectos de ordem estética e de ordem ética que o autobiógrafo tem à sua disposição.<sup>97</sup>

No caminho da sua escrita, o autor questiona se seu livro terá poesia, se seu nome ficará marcado como o fogo marca o que atinge, se seu nome será ícone na construção de poemas. Nem sempre “onde tem fumaça tem fogo” está em conformidade com o comentário do autor no primeiro capítulo sobre “Ars poética”, quando menciona que nem todo poema possui poesia, uma vez que o “fogo” é marca indelével na trajetória poética de Gilberto Mendonça.

O poeta em seu processo de escrita discorre sobre a composição poética; utiliza da metalinguagem para desfolhar as marcas da poesia. Ensina o que é necessário para que a poesia habite nos versos: o fogo, a graça, o jogo e a trapaça. Demonstrando o trabalho árduo

<sup>96</sup> TELES, 2003, p. 868.

<sup>97</sup> SOUZA, 2008, p.147.

daquele que retira as palavras da insignificância e compõe com destreza o linguajar que corporifica a beleza poética da sua linguagem.

No poema há um jogo de palavras, em que se utiliza ritmo simples e repetitivo que facilita a memorização. Notam-se os efeitos sonoros e rítmicos, ocorrendo a rima externa com repetição de sons semelhantes no final dos versos; rimas cruzadas ou alternadas, graves por serem formadas por palavras paroxítonas, sendo rimas ricas. Além do esquema rítmico, esses versos apresentam outras semelhanças: ocorre a aliteração de M e assonância de A e O. Não há apenas o parentesco sonoro, mas ainda o da construção sintática: a pontuação liga os versos por meio do ponto de interrogação provocando respostas ao leitor.

O poeta explana sobre a amada, cujos versos encenam a necessidade da permanência da eleita. Poesia ou Maria? O chamado é feito no poema “Dístico” do livro *Fábula de Fogo*:

Tu ficarás comigo, enquanto um pássaro  
houver que cante e sonhe na viagem.

E a noite que nos viu será eterna  
sobre estes campos úmidos de aurora.

Tu ficarás no vento e nas estrelas  
e serás a alegria dos caminhos.

Tua presença cantará nas pedras,  
Teu riso estranho sorrirá nas flores.

E por onde eu seguir, como perdido,  
tu estarás,  
tu ficarás,  
comigo.<sup>98</sup>

Por se tratar do poema que finaliza o “livro de Noivado”, salta aos olhos que a sua musa eterna, “a poesia”, funde-se com a esposa Maria. A identificação de “Maria” é camuflada pela “poesia”, ficando ficcionalizada pelo eu lírico, assim como evidenciado por Souza quando comenta que “As autobiografias dos poetas são, por seu turno, bastante fecundas, porque trabalham essencialmente com um paradoxo bem ao gosto barroco: conto-me pela ficção do texto lírico e uso o seu caráter ficcional para me camuflar<sup>99</sup>.”.

No poema em análise, corporifica-se a metalinguagem, pois o título do poema aponta para a composição de versos com duas estrofes. O poeta repete o pronome “tu”, enfatizando a

---

<sup>98</sup> TELES, 2003, p. 732.

<sup>99</sup> SOUZA, 2008, p.149.

insistente presentificação da musa no seu decurso criativo; demonstra que a presença da amada é imprescindível para seguir o caminho.

O poema corrobora com a função do poeta que é servir às palavras, de escolher aquelas que perpassam o sentimento humano de caminhar com intensidade amorosa. Colhendo o essencial das palavras, faz-se o apogeu da beleza da poesia. Octavio Paz evidencia a função do regedor das palavras, ao dizer que “o poeta, não serve das palavras. É seu servo. Ao servi-las, devolve à sua plena natureza. Graças à poesia, a linguagem conquista seu estado natural<sup>100</sup>”.

O poeta constrói seus versos demonstrando seu inegável e indefinível amor pela poesia e por Maria, sua esposa, como afirma a autora Maria de Fátima Gonçalves Lima, que GMT “conclui o livro, deixando uma mensagem desse amor eterno e verdadeiro, que o poeta guarda na alma e no discurso. “Dístico” desnuda todo o amor guardado para a poesia que ele perscruta e por sua companheira: **Maria**.”<sup>101</sup>

Também, na escrita poética de Gilberto Mendonça Teles, desponta o mundo de Luciana, sua filha; os versos do “Poema de Luciana”, do livro *Arabiscos*, são carregados de pureza lúdica:

Para escrever o poema de Luciana  
devo fazer algumas contas de vidro:

somar o tempo de sumir no mundo  
dividir os dias mágicos da vida  
multiplicar a travessia das férias  
e subtrair do mar algumas coisas urgentes:

uma estrela vermelha entre algas verde  
um ouriço negro espetado nas pedras  
mexilhões  
ostras  
anêmonas  
essa infinidade de conchas e corais  
que as ondinas prendem nos cabelos  
para o encanto (e o medo) dos banhistas.  
Mas devo também espantar os mosquitos  
muriçosas  
pererecas  
filhotes de cobra  
e deixar apenas a penugem do corpo  
desenhado na areia.

E só então fazer-de-conta:  
acordar novamente em Setiba  
nadar tranquilamente na Prainha

<sup>100</sup> PAZ, 1982, p.58.

<sup>101</sup> LIMA, 2005, p. 58.

caminhar longamente pelas pedras  
e segurar no ar a linha-do-vento  
que se estremece na minha mão.

Será que foi um feixe  
de luz, algum raio de sol,  
ou foi a sombra da palavra-peixe  
que beliscou a forma deste anzol  
meio invisível na interrogação? <sup>102</sup>

O título do poema faz referência ao nome de sua filha “Luciana”, uma forma de registrar na sua escrita a infância da filha, guardando as minúcias de momentos importantes na vida do autor. Revelando aos leitores recortes da sua vida em versos.

O autor discorre sobre a praia no diminutivo, utilizando linguagem infantil, para ser bem entendido pela filha. Um dia na praia e o poeta responde em forma de poema as inquisições de uma filha, cujos olhos perguntam sobre tudo. Lembranças doces passadas em Setiba – Guarapari revividas pelo leitor que se adentra na poesia.

No jogo das palavras desses versos livres, captamos o labor e criatividade do poeta. A presença das aliterações e assonâncias vão aumentando a melodia desse brincar no calor das imagens infantis capturadas na poesia. Imagens que nos chama a residir na linguagem dos poetas, como conceitua Octavio Paz: “A imagem não explica: convida-nos a recriá-la e literalmente revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética.” <sup>103</sup>

Gilberto Mendonça Teles nos apresenta no livro *Plumagem dos Nomes*, que “a imagem ou figura (na poesia) é a forma estética que põe ênfase em um fonema, em uma sílaba, palavra ou frase. O escritor retira a palavra da linguagem comum (do dicionário) e acrescenta-lhe um *significado pessoal*, o da sua vivência de poeta” <sup>104</sup>. Ele aponta no poema seu tempo exclusivo em acompanhar sua filha em suas descobertas. <sup>105</sup>

O tempo passou, mas o esplendor do matrimônio é perpétuo, é necessário seguir com vontade uma receita que tem obtido sucesso, o “Poema Receita dos 50 anos (de casado)”, no livro *Linear G*:

<sup>102</sup> TELES, 2003, p. 47.

<sup>103</sup> PAZ, 1982, p.137.

<sup>104</sup> TELES, 2007, p. 690.

<sup>105</sup> Questionei na entrevista feita ao GMT, se seus filhos herdaram o dom para escrever e o que estavam fazendo atualmente. Ele comentou que seus filhos são muito mais apegados à mãe, Maria do Rosário. Assim como ele teve uma relação conflituosa com o seu pai Seu Nêgo, o Antônio tem para com Gilberto Mendonça Teles, ou GMT tem para com Antônio. Antônio formou-se em Física e tem bom gosto pela música clássica e escreve também os seus poemas, mas sem muita dedicação neste sentido. Conhece bem o inglês e um pouco de alemão. Luciana fez Letras na PUC (chegou a ser aluna do pai num curso) e estudou depois na França, conseguindo aprender bem o francês e hoje trabalha como intérprete de francês, inglês e espanhol no Club Méditerranée. Lê muito e tem inclinação pelas coisas misteriosas e esotéricas. Seus herdeiros têm o amor incondicional dos pais.

Beijar muito de manhã cedo  
 beijar de tarde  
 beijar de noite  
 a qualquer hora  
 como se tudo fosse um segredo

Andar muito (andar na linha)  
 não se perder nos problemas  
 não se matar nos poemas  
 não beber não fumar e comer pouco  
 mas dar de vez em quando uma voltinha

Fazer isto sempre com um talismã  
 com alma cantando de alegria  
 como se a vida fosse mesmo um tobogã  
 na surpresa feliz do dia-a-dia.<sup>106</sup>

Como o próprio poeta afirma em uma entrevista a Eliane Vasconcellos, descrito no livro *A Plumagem dos Nomes*: “cada poema surge da experiência acumulada”<sup>107</sup>. Esse poema é uma síntese de anos e anos de convivência; um poema feito diamante: lapidado pelos dias, por intempéries de qualquer relacionamento, por desafios, por ausências, por expectativas e desejos que se realizam.

Na primeira estrofe, o verbo “beijar” se repete dando ênfase do retorno ao início: tudo começa pelo beijo. Não se pode esquecer de beijar quem amamos, de demonstrar em todas as horas que estimamos com beijos rápidos, longos, com horário marcado. Beijar é repassar para o próximo a alegria de tê-lo por perto. Na segunda estrofe é o cuidar de si, o poeta consegue colocar as principais ações para a saúde do corpo, da alma, do casamento nesses versos. Simplificou para que ficasse fácil seguir o passo-a-passo para o relacionamento durar. Na terceira estrofe, o sujeito lírico ressalta que a alegria tem que fazer parte da obediência à receita. É necessário dar o melhor em todas as ações, realizá-las com esmero e dedicação para que a alegria contagie o ser amado. Assim assevera Gaston Bachelard:

Em vista dessa necessidade de seduzir, a imaginação trabalha mais geralmente onde vai a alegria – ou pelo menos onde vai uma alegria! –, no sentido das formas e das cores, no sentido das variedades e das metamorfoses, no sentido de um porvir da superfície. Ela deserta a profundidade, a intimidade substancial, o volume<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> TELES, 2010, p.84-85.

<sup>107</sup> TELES, 2007, p.688.

<sup>108</sup> BACHELARD, 1997, p.2.

Na poesia são registradas as sugestões dos sentimentos humanos, como a alegria da convivência entre duas pessoas. Palavras comuns que, pinceladas com labor, vão comunicando ao leitor a vida do poeta por meio da poesia, que vai revelando a sua magia. Em “Alquiminha”, poema desse mesmo livro, a vida de casado será representada:

Num dia de muito sol no meu Rio de Janeiro  
me dei conta de uma história de amor

Demorou a ser aceito como namorado  
mas foi namorando foi noivando foi casando  
foi trabalhando foi buscando a poesia  
foi esperando o filho foi esperando a filha  
foi vivendo foi viajando foi trabalhando  
foi escrevendo e foi amalgamando  
os segredos dos dias e das noites.

Com ela aprendeu a desfazer as cortinas do tempo  
e a juntar o negro o branco o rubro e o âmbar do sol.  
A vida lhes ensinou a calcinação a putrefação  
a destilação a solução a conjunção e a sublimação  
do corpo e do espírito. A transmutação dos elementos  
eles a realizaram no equilíbrio do lar e na busca  
da eterna juventude de amar e saber encontrar  
no trabalho  
na esperança  
e na iluminação  
o ouro potável de suas bodas de ouro.<sup>109</sup>

A partir do título do poema, depreendemos que se trata da própria Alquimia do poeta, sua evolução como homem, como Chevalier e Gheerbrant pontuam:

Sob um outro ponto de vista, a alquimia simboliza a própria evolução do homem, de um estado em que predomina a matéria para um estado espiritual: transformar em ouro os metais é o equivalente a transformar o homem em puro espírito. A alquimia implica, com efeito, um conhecimento da matéria; ela é menos uma ciência do que um conhecimento<sup>110</sup>.

Esse poema é uma síntese da vida em comum com Maria, ponto culminante da poesia autobiográfica de Gilberto Mendonça Teles. O autor transpõe pormenores da sua vida, sua experiência pessoal no poema, faz como o que foi exposto pelo crítico Antônio Candido quando analisou *Menino antigo (Boitempo II)* de Carlos Drummond de Andrade:

<sup>109</sup> TELES, 2010, p. 85-86.

<sup>110</sup> CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p.37.

Os fatos e sentimentos, as impressões e ambientes, que são o ponto de partida da elaboração literária, pesam com maior impureza do que na obra lírica anterior; e, como acontece nos livros de memórias pessoais, a elaboração da forma não chega a dispensar o sentimento vivo do objeto, ponto de partida, porque o escritor quer justamente pô-lo na luz da ribalta, embora poeticamente transfigurado. Resulta um modo narrativo ou lírico mais particular, em relação à lírica anterior de Drummond; porém mais geral, em relação ao ângulo específico de uma autobiografia.<sup>111</sup>

Esse poema revela seus cinquenta anos de convivência; sem pausas deu um ritmo acentuado aos anos que passaram. Escreve desde a demora em ser aceito como namorado até chegar ao presente de suas bodas de ouro. Trouxe do âmago do seu interior a escrita dourada que traz minúcias dos acontecimentos registrados, identificando as fases passadas até o presente.

Na alma do poeta desponta uma vida partilhada com suas grandes musas, “armadas” em versos que povoam toda a sua escrita.

Os anos retratados com a companheira são resumidos em um único poema. Tantos anos diluídos em palavras e com tanto sentimento são inspirações transcritas artisticamente nos versos, como ele explica sobre como se faz um poema, numa entrevista a Giovanni Ricciard:

O poema nasce de um impulso sóbrio e emocional, que começa a ser realidade verbal quando chega à consciência e é submetido às forças estetizantes do trabalho artístico. Inspiração, musa, furor poético, intuição criadora, qualquer que seja o termo que tenta expressar essa realidade psicofisiológica do homem, não passam de metáforas para definir e delimitar o entendimento de algo que as ciências humanas ainda não conseguiram dominar inteiramente. Trata-se, na verdade, de uma motivação especial, interior, que move e comove o poeta (ou qualquer pessoa, só que esta não a sabe cultivar, pois não dispõe do talento inato para isto), ativando-lhe a imaginação, dando-lhe paciência para buscar a sua melhor expressão.<sup>112</sup>

Na busca da alquimia poética, Gilberto é movido a adentrar no redemoinho de impulsos e sensações, demonstrando seu talento e paciência em versos repletos de poesia.

## 2.4 Religião

A religião é um elemento importante para o ato criativo desse poeta. Percebemos que ele acredita na existência de Deus, cuja presença constitui parte da sua poética, assim como a poesia, que expressa o próprio ser, conforme explicita Octavio Paz: “Religião e a poesia

---

<sup>111</sup> CANDIDO, 2006, p.68.

<sup>112</sup> RICCIARD, 1991, p.387.

tendem a realizar de uma vez para sempre essa possibilidade de ser o que somos e que constitui nossa própria maneira de ser”.<sup>113</sup>

Em seus poemas de aprendiz, encontraremos imagens, símbolos que levam o leitor a perceber a essência de Deus na sua linguagem. Participamos da história ou estória que acontece com o personagem homem, que alimenta e embeleza a escrita poética de GMT, como ressalta Octavio Paz:

A linguagem que alimenta o poema não é, no fim de contas, senão história, nome disto ou daquilo, referência e significação que alude a um mundo histórico fechado e cujo sentido se esgota com o seu personagem central: um homem ou um grupo de homens<sup>114</sup>.

A história humana é revelada nos poemas que formam a escrita de Gilberto Mendonça Teles. Ele sintetiza recortes dos sentimentos experimentados no passado.

Utilizaremos o texto da Mãe de Gilberto Mendonça Teles para melhor compreensão dos seus poemas. Celuta Mendonça Teles traz à baila, na sua narrativa, o início religioso de seus filhos: “À noite, quando pequenos, eu lhes ensinava a rezar. Eles juntavam as mãozinhas e rezavam. Ensinei a todos, eles não deitavam e nem se levantavam sem rezar<sup>115</sup>”.

Assim, marcante foi a primeira eucaristia do Gilberto Mendonça Teles, conforme entrevista realizada para este estudo, intitulada “Autobiografia do poeta”:

Como eu vivia numa cidadezinha do interior de Goiás, só em dias de festas chegava padre para celebrar missa do padroeiro, São João. Foi numa dessas festas, creio que nos meus onze anos, que fiz a primeira comunhão. Minha mãe fez um terninho de brim, calça comprida, gravata o que me fez sentir um novo ser, um homem que mudava no momento em que o clarão da lógica entrava no meu cérebro e me punha pela primeira vez diante da tensão *lógica X espiritualidade*. Na hora de receber a hóstia tive todo cuidado para deixá-la derreter na boca, sem tocá-la com o dente.<sup>116</sup>

Nos vários lugares em que moraram, Dona Celuta, quando podia, ia à missa todos os dias e seus filhos iam aos domingos; ela narra como era a religiosidade de cada um deles:

Dos meus filhos o mais sem religião era o Ideraldo: aos domingos eu o arrumava para ir à missa, quando ele voltava, eu queria saber se ele tinha ido mesmo, e lhe perguntava qual tinha sido o Evangelho do dia? Ele se

<sup>113</sup> PAZ, 1982, p.166.

<sup>114</sup> PAZ, 1996, p. 52.

<sup>115</sup> TELES, 2006, p.165.

<sup>116</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

enrolava e acabava dizendo que ficou na porta, não entrou. Gilberto foi congregado mariano, mas foi expulso por ter entrado aos dezesseis anos em um baile de carnaval. Louri não era lá muito religioso, mas o Zezé queria até ser padre. O padre Oscar era quem estava arrumando para ele ir. Ele chegou em casa e me disse: - Mãe, vou ser padre. Mas o Nêgo não deixou de jeito nenhum. Eu acharia bom, sempre quis ter um filho que fosse padre.<sup>117</sup>

Não somente o filho José Mendonça teve o chamado para o sacerdócio, o poeta Gilberto Mendonça Teles também. Em uma observação no livro de sua mãe, GMT confirma:

Um fato que para minha vida foi muito importante e quase motivou minha saída do Ateneu D. Bosco foi a carta que o Padre John Thomes, professor de música do Ateneu, enviou ao meu pai em Hidrolândia, afirmando-lhe que eu tinha natural vocação para o sacerdócio. Eu devo ter aceito o convite para estudar nos seminário dos salesianos, mas tive o bom senso de submetê-lo ao meu pai, que escreveu uma carta violenta ao padre, ameaçando-o com a minha saída do Ateneu. Tanto que no ano seguinte, já na segunda série ginásial, fui estudar no liceu de Goiânia<sup>118</sup>.

O poeta encena uma importante atividade natalina, que marca os sentimentos dos homens que partilham a emoção dessa data, escrita no poema 'Natal'<sup>119</sup>:

Foguetes ribombam no espaço azulado!...  
 O mundo enfeitado  
 Celebra este dia;  
 A terra se envolve  
 De um ar melodioso  
 E o homem, ditoso,  
 Retrata alegria.

Os sinos ressoam no alto dos templos...  
 Aqui os exemplos  
 Da branda harmonia!

No céu, uma estrela cintila atrativa  
 Lançando luz viva  
 Ao mundo mortal!  
 A maga natura  
 Sorrindo faceira  
 Se apronta ligeira  
 De um tom sem igual!

Já todo universo, alegre... sonante,  
 E tu radiante  
 Saudando NATAL!

<sup>117</sup> TELES, 2006, p.164.

<sup>118</sup> TELES, 2006, p.165.

<sup>119</sup> Poema escrito em dezembro de 1950 e publicado na *Folha de Goiás*, Goiânia, transcrito em *Poemas Avulsos, Hora aberta* em 2003.

Agora é chegado o momento divino...  
 Um pobre menino  
 Num berço deitado,  
 Levanta seus braços  
 Aos céus!

Nos espaços  
 Seus traços  
 Palpitam  
 E gritam  
 O nome  
 De DEUS!

Foguetes ribombam no etéreo azulado!  
 Agora o pecado  
 Terá redenção.  
 Um nome fulgura  
 Qual luz!

É candura,  
 Ventura,  
 É halo  
 Que o galo  
 Proclama  
 – JESUS!<sup>120</sup>

Neste poema, percebemos que o poeta muda sua linguagem poética, está mais ousado com o jogo das palavras, cujas imagens são signos de lembranças que demonstram os sentimentos de alegria e festa de um costume popular.

O título do poema já sintetiza uma data comemorativa em que o homem se alegra; embora tradicionalmente um dia santificado cristão, o Natal é amplamente comemorado por muitos não-cristãos, em todo o mundo, faz parte da história humana que é descrita nos versos.

No quarto verso, o adjetivo Natal e no último verso o substantivo próprio Jesus foram empregados em caixa alta, para sugerir a sua importância, reforçando ao leitor o real valor de significância desses vocábulos para o poeta.

Examinando o poema quanto à métrica, percebemos versos regulares e livres, com rimas externas, com aliterações e assonâncias e com tamanha sonoridade.

Há vários símbolos do Cristianismo em suas poesias, os sinos, os hinos, as sagradas canções são verdadeiros anúncios do nascimento do Mestre dos Mestres: Jesus. O poeta evidencia a religiosidade como instrumento de criação, como “ferramenta” de composição. Percebemos que em seus poemas acontece um entrançamento das imagens e símbolos encontrados no Cristianismo, na religião que marcou a infância, dos tempos de preparação

---

<sup>120</sup> TELES, 2011, p. 252-253.

para as festas na Igreja, a pausa que a época natalina exigia dos homens para relembrares e reviverem a data comemorativa marcante na religião católica. No texto, percebe-se que há imagens esculpidas na memória e organizadas, com labor, as palavras que as representam, transformando-as em metáforas para sucumbir os sentidos de seus leitores. O escritor cria seu cosmo a partir do que vivencia, como explica no seu livro *Sortilégios*:

A poesia é por isso o exercício maior da nossa liberdade de ser: através dela tomamos contato com uma categoria de “sagrado” que não é bem o sobrenatural, mas uma saída do comum, da linguagem comum que nos achata, que nos faz igual a todo mundo, que ilude a nossa individualidade. A liberdade de que falamos está na possibilidade de escolhermos as nossas palavras de organizá-las segundo o nosso gosto, de investir nelas as significações mais caras às nossas emoções e ao nosso imaginário. Aí está a criação na poesia: o poeta foge da linguagem de todo mundo, ordenando-a de outra maneira, construindo dentro dela o seu cosmo particular, que é o poema, objeto verbal artisticamente estruturado. Nisto ele procede como Deus: parte do caos da criação para o cosmo do poema e da poesia. Ele também pronuncia, mas para dentro da escrita.<sup>121</sup>

Na sua adolescência, GMT participava das festas da igreja com sua Mãe Celuta Teles, sua primeira catequista, a professora modelo; ele pisava tranquilo em caminhos amorosamente apontados. Como era esperada por todos a festa natalina! Época guardada e transposta em poema, como pontua Lejeune: “O tema essencial de toda autobiografia são realidades experimentadas concretamente, em que a realidade externa se modifica pela vida interior.”<sup>122</sup>

Gilberto Mendonça Teles teve a sua religião primária como legado, como afirma em entrevista a nós concedida:

O que você chama de “religião primária” deve ser o legado cultural que o menino adquiriu enquanto crescia na sua infância e adolescência, recebendo-o como o ar que respirava, sem contestá-lo e procurando vê-lo como algo mágico, com histórias de anjos e demônios. É certo que minha mãe nos ensinava a rezar e nos (a mim, o mais velho) incentivava a leitura de uma *História sagrada* (editada pela Vozes), que até hoje tenho entre meus livros. Eu tinha onze anos quando esse livro caiu em minhas mãos, com narrativas como a da criação do mundo, do dilúvio, de Esaú e Jacó, de José no Egito, de Jonas no ventre da baleia, de David e do gigante Golias, de Sansão e Dalila, e tantas outras que me conduziam à vida e paixão de Jesus. Não tenho dúvida de que foi por aí que se despertou a minha imaginação, naturalmente conduzida para a poesia. Com muitas leituras neste sentido. Acho que fui desde cedo tocado pela aura da Poesia, com P maiúsculo.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> TELES, 2005, p. 62.

<sup>122</sup> LEJEUNE, 2008, p.298.

<sup>123</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

Segundo Marilena Chauí, em seu livro *Convite à filosofia*, a palavra religião vem do latim: *religio*, formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo. Quais as partes vinculadas? O mundo profano e o mundo sagrado, isto é, a Natureza (água, fogo, ar, animais, plantas, astros, pedras, metais, terra, humanos) e as divindades que habitam a Natureza ou um lugar separado da Natureza<sup>124</sup>.

No poema “À sombra da cruz”, presenciamos o nascimento de Jesus, descrito de outra forma pelo poeta:

No céu  
de brônzea cor da eterna Palestina  
a nova estrela apareceu.  
E a sua luz,  
branca, mais branca, fúlgida, divina  
conduzia os três Reis aonde Cristo nasceu.

Além,  
à frente da opulenta caravana,  
luzindo, a branca estrela soberana  
mostrava os rumos de Belém.

E, à flux  
brilhando, a estrela animadora  
jorrou a sua luz  
bela, mui bela, aurifulgente e loura,  
por sobre a pobre manjedoura,  
onde estava deitado o menino Jesus.

E junto dele, ajoelhada,  
Maria soluçava, em lágrima banhada.  
(É que Maria com o olhar imenso,  
via Jesus

suspenso

nos braços de uma cruz).<sup>125</sup>

Visualizamos no poema o acontecimento bíblico após o nascimento de Jesus: quando os três magos que foram do Oriente até Jerusalém seguindo uma estrela e perguntando: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo”.<sup>126</sup> Então foram informados, após o alarme do rei Herodes, que informaram que o Cristo deveria nascer “em Belém da Judéia”, como dizia a profecia: *E tu, Belém, terra de Judá, de*

<sup>124</sup> CHAUI, 2010, p. 298.

<sup>125</sup> TELES, 2011, p. 94.

<sup>126</sup> MATEUS 2, 2. p.1202

*modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um príncipe que será o pastor do meu povo, Israel*".<sup>127</sup>

Eles, ao perceberam que o Rei Herodes queria que encontrassem Jesus e o informassem para que pudesse adorá-lo<sup>128</sup>, mas com a intenção de matar o Rei que iria ocupar seu trono, "... partiram. E a estrela que tinham visto no Oriente ia à frente deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino. Ao observarem a estrela, os magos sentiram uma alegria muito grande." Quando entraram, viram o menino Jesus com sua mãe Maria e "ajoelharam-se diante dele e o adoraram. Depois abriram seus cofres e lhes ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra."

A última estrofe nos assegura que a mãe de Jesus, Maria, já sabia como seria a morte de seu filho. Na Bíblia temos a descrição da dor em Maria, no momento da apresentação de Jesus ao Senhor no templo em Jerusalém, após oito dias do seu nascimento. Um homem piedoso que esperava a consolação de Israel "movido pelo Espírito, foi ao templo. Quando os pais levaram o menino Jesus ao templo para cumprirem a disposição da Lei, Simeão tomou-o nos braços e louvou a Deus".<sup>129</sup> Ele agradeceu por ter visto a salvação, conforme a promessa que Deus fizera para ele. Mas depois do louvor:

"Simeão os abençoou e disse a Maria, a mãe: Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição – uma espada transpassará a tua alma! – serão revelados os pensamentos de muitos corações".<sup>130</sup>

Então o poeta evidencia que Maria já sabia da morte na cruz, morte sofrida em que Jesus derramaria água e sangue por todos os pecadores. Assim a cruz passou a ser símbolo para os cristãos:

A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do Salvador. A cruz simboliza o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com a sua história humana, com a sua pessoa.<sup>131</sup>

---

<sup>127</sup> MATEUS 2, 6.p. 1202.

<sup>128</sup> MATEUS 2, 11. p.1202.

<sup>129</sup> MATEUS 2, 27. p.1272.

<sup>130</sup> MATEUS 2, 27. p.1272.

<sup>131</sup> CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 310.

Na religião e na poesia, o homem mergulha no encantatório, na bonança, fugindo dos braços da rotina imperiosa que sufoca e aliena. Destarte, esse poeta diz e escreve sobre os balsâmos que amenizam a vida humana:

Assim, tanto a Religião como a Poesia são formas de revelação do encontro do homem com o sobrenatural, com que o rodeia e ele não tem olhos para ver, como se diz em várias passagens da Bíblia. A linguagem da Religião está fundada no símbolo, quer dizer é absoluta e vertical, de cima para baixo, impositiva; ao passo que a Poesia parte do signo, é horizontal como o discurso e se abre para o imaginário de cada um<sup>132</sup>.

Os elementos da religião são matéria poética. A cruz é um símbolo flamejante de Amor para os cristãos, descrito no soneto “A Cruz do Amor”, do livro *Alvorada*:

No campanário de meu sonho altivo,  
cujo zimbório a Cruz do Amor garante,  
entre espirais de incensos e de prece,  
um sino existe a clindonar festivo.

Ele é o Ideal que, sonoro, tece,  
num suave som de encantamento vivo,  
a Música da Fé, da qual me esquivo  
como se louco ou tímido estivesse.

Mas se nos caos da dúvida irrequieta,  
ansioso e cego, a debater me ponho,  
escuto na alma a vibração secreta.

do som do Ideal, a me inundar de vida,  
a me apontar, na cúpula do Sonho,  
a Cruz do Amor como atalaia erguida.<sup>133</sup>

Nesse soneto aparecem nitidamente as marcas do simbolismo, pela presença da musicalidade, com o jogo entre aliterações e assonâncias e do misticismo, revelando a crença ao sobrenatural, a fé nos símbolos, culto a cruz, símbolo da fé cristã. Percebemos a influência da linguagem de Cruz e Sousa, aprimorada por herança do Parnasianismo e apurada nos processos sonoros das palavras trabalhadas.

Quanto ao rigor estético, o poeta mantém sua preocupação, aflorando também a influência parnasiana. GMT possuía na sua escrita poética, influências de suas leituras que o norteavam na transformação da sua própria linguagem. Esse fato é explicado pelo ensaísta e poeta José Fernandes, no seu livro *O selo do poeta*:

<sup>132</sup> TELES, 2005, p.61-62.

<sup>133</sup> TELES, 2003, p. 831.

Encontrar a verdadeira trilha nos labirintos da arte requer do artista a madurez do tempo. Enquanto isto não ocorre, é comum e até louvável, que o poeta extraia da tradição literária os modelos diretivos das suas composições. A fruição e a interiorização dos arquétipos, longe de serem um desdouro ao artista nascituro, contribuem inegavelmente para que na plenitude da arte, seu estilo individual manifeste com totalidade.<sup>134</sup>

GMT continua sendo católico, a aprendizagem com os pais e convivência com a esposa Maria do Rosário permitem que ele avance em seus conhecimentos na experiência religiosa.

Na atualidade, nota-se que o poeta segue o caminho da religiosidade. Todo o seu passado pautado em tanto conhecimento, de diversas religiões, diversas culturas, que deram uma total amplitude de escolhas de caminhos, não retiraram da sua vida a religião primária. Sempre, ao conversarmos, ele elogiava a esposa Maria do Rosário pela tradição na fé católica.

<sup>135</sup> Quando questionado sobre um possível ressurgimento da religiosidade nos dias atuais, ele afirma:

Jacqueline Beatriz, não ressurgiu coisa nenhuma porque não havia desaparecido. Entretanto, não sou o católico que confessa, comunga e, claro, assiste à missa todos os domingos. Aproveito muito do meu tempo (mesmo o de uma hora de missa) para trabalhar (ler, escrever), fazer afinal o que Deus fez – trabalhou sete dias e descansou para nós o resto da vida. Assim, o fato de você ter presenciado a renovação da luz da vela por mim não é sinal de que sou católico, é mais um sinal de que sou espiritualista, como todo bom católico deve ser. A tradição da luz da vela tem um sentido bem maior do que o de uma liturgia, católica ou não: é algo que abrange o lado espiritual do ser humano, tendo implicações antropológicas e sociológicas. A queima da vela, além da luz que ilumina o ambiente, simboliza um ato de **reunião** – nessa luz se reuniram os pré-históricos nas cavernas, os gregos criaram o mito de Prometeu por ter roubado o fogo aos deuses e modernamente se reúnem as ações e as energias de anônimos trabalhadores na sua produção. Deste modo, a luz de uma simples vela pode estar queimando as mais diferentes e estranhas energias e iluminando alguma realidade que nos escapa, mas nos fascina e desperta em nós uma sensação de mistério e de esperança. Algo que ilumina as cavernas das nossas forças morais, da nossa alma.

É claro que, com os meus estudos, com o alargamento de minha visão antropológica (sociológica, histórica e linguística); com o conhecimento de outras religiões, com os estudos comparativos delas, e uma iniciação, digamos científica, do espiritismo, fui adquirindo a pretensão de uma concepção pessoal do cristianismo, com a qual convivo atualmente. Minha mãe era total e ingenuamente católica; Maria é de uma fé que me encanta. Frequento um grupo católico na PUC do Rio, mas tenho muito medo da

<sup>134</sup> FERNANDES, 2005, p.88.

<sup>135</sup> Mas o fato que deixou marcado foi quando em visita ao apartamento do poeta em 2010, a vela que fica acesa, tinha terminado de acabar e ele não esperou, foi pegou outra vela e acendeu-a.

hipocrisia, não sei se minha ou se dos outros. No fundo, sou e continuo católico<sup>136</sup>.

O homem é uma síntese do passado, futuro e presente. É uma tecitura de várias imagens e experiências, como cita Octavio Paz: “a experiência poética, como a experiência religiosa, é um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à nossa natureza original”<sup>137</sup>. O poeta convive com a religiosidade que se iniciou na infância e persevera com a presença de Maria do Rosário. O poema “Prece” oferece-nos uma amostra desse vínculo:

É hora de abaixar a cabeça  
e repetir humilde para dentro:  
“Coração divino de Jesus,  
providenciai.”

É hora de levantar a cabeça  
e mandar tudo às favas  
porque já não há mais nenhuma  
providência a tomar.

É hora de inverter o discurso  
até das sombras dos relógios,  
para se dar conta de que vão degolar  
os últimos sobreviventes.

Aí então é hora de amar  
nem que seja por fingimento:  
O amor não conhece a diferença  
e pode muito bem repetir:  
“Coração divino de Jesus,  
Providenciai.”<sup>138</sup>

A prece “Coração divino de Jesus, providenciai” trata-se de um exemplo de jaculatórias, que são pequenas orações ou invocações que os católicos incluem em suas orações, no começo ou final dessas, ou no final de cada dezena do Rosário.

Percebemos nesse poema a existência da crença no sobrenatural, apesar das vicissitudes humanas. O poeta expõe que existem momentos que o certo seria abandonar algumas situações e caminhar em outra direção. Mas retoma a repetição da prece, na confiança de que “Jesus” pode adentrar e tomar a direção do barco à deriva.

Nesse processo poético, os versos da quarta estrofe demonstram que o homem fingidor, “o poeta”, que se “arma” com os seus conceitos, sabe que o amor é capaz de abolir suas

<sup>136</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

<sup>137</sup> PAZ, 1982, p.166.

<sup>138</sup> TELES, 2010, p .98.

mensagens humanas e trazer o que é necessário, o que é devido, o que somente a providência sobrenatural pode fazer. A existência da religiosidade faz que o homem se volte à dependência do ser Divino, como também a poesia faz na vida humana.

De acordo com o prefácio do livro *Aprendizagem*, feito pelas autoras Dulce Maria Viana Mindlin e Ilca Vieira de Oliveira, verificamos que:

Se tivermos em conta que toda escrita – menos que assim se declare – é autobiográfica, ou seja, que toda escrita é o lugar de uma experiência pessoal, uma vez que no ato de escrever liga-se necessariamente à contingência do conhecer-se, de alguém se reconhecer na sua própria história, espécie de pulsão que tanto se dá pelo desejo de saber como pela vontade de aprender, talvez possamos esboçar uma possibilidade de leitura destes poemas tão reveladores do processo que fez de GMT um “*romântico de corpo e alma, de dentro e fora / de alto a baixo, de todo lado: do esquerdo e do direito*”.<sup>139</sup>

Assim, Gilberto Mendonça Teles, nos versos de “Rendez vous”, em *Linear G*, insere o encontro pessoal com Deus, na medida da sua universalidade:

Meu encontro com Deus talvez se faça,  
talvez se tenha feito nalgum sonho  
ou então se está fazendo pela graça  
do tempo e da razão de que disponho.

É possível que um dia muito claro,  
na transparência de uma luz intensa,  
eu tenha percebido o sol mais raro  
e encontrado no azul a minha crença.

E assim o vejo e vi ou sempre o vira  
um sol noturno, que não vi direito:  
uma forma de essência que antevira  
noutro tempo verbal mais que perfeito.<sup>140</sup>

Percebemos o “eu” desvelando sua forma de encontrar-se com Deus, já apresentado no título do poema. Sem precisar a hora, o momento, mas no tempo presente, ele compreende que já vive em sintonia com a essência divina. Em versos, testemunha a sua atualidade que se faz amena, de acordo com Souza:

Assim como no discurso da História concorrem os documentos historiográficos e a capacidade discursiva e articuladora do historiador para ordenar em uma lógica narrativa todas as informações provenientes das

<sup>139</sup> TELES, 2007, p. xvi.

<sup>140</sup> TELES, 2010, p.37.

peças documentais à sua disposição, os autobiógrafos se tornam “testemunhas oculares” das suas próprias histórias, e assumem, com isso, uma espécie de testemunho da verdade, na qual a verdade passa a ser aquela verdade. O pacto autobiográfico assim o referencia. O leitor, imbuído da crença de que se trata de um testemunho, aceita o jogo. A recepção do texto, portanto, passa a ser fundamental na decodificação daquilo que o autor deseja expressar. É o leitor quem, agora, determina, ou escolhe, a partir de que ambiente do conhecimento, se literário ou meramente documental, ou ainda uma mescla dessas duas instâncias, ele lerá o texto autobiográfico.<sup>141</sup>

Escolhemos esse poema como texto autobiográfico por se tratar de um documento literário no qual o “eu” que se encena afirmando o contato com a presença divina, sem precisar o momento em que teve acesso a essa essência, pois na sua maturidade poética encontramos o homem que assume seu sentimento religioso nos seus dias atuais.

Mostramos no desenvolvimento deste capítulo, as marcas de emoções do eu lírico, que se apresenta desde a adolescência até a maturidade, quando imprime na poesia o resgate do passado, amores, saudade, religiosidade; e, nos versos apresentados, Gilberto Mendonça Teles veste suas experiências, suas confissões, camufladas em versos que singularizam seu nome na literatura brasileira.

---

<sup>141</sup> SOUZA, 2008, p.153.

### **Capítulo 3**

#### **A TERRA**

Glorioso nome que meu pai me deu  
 Inspirado talvez por algum mito  
 Li um dia num livro do Ateneu:  
 “Brilhante como o ouro”, no Saxão.  
 Exprime no silêncio a emoção,  
 Radiante por dentro e até por certo  
 Tendo a Terra Natal no coração,

Orgulhoso de se chamar Gilberto.  
 (Gilberto Mendonça Teles, 2011, p.267)

Neste capítulo apresentaremos a geografia poética transladada para os versos de Gilberto Mendonça Teles, apontando toda influência que suas moradas têm em sua vida e escrita poética. Goiás e o Rio de Janeiro são espaços simbólicos para quem estuda a sua poesia.

### 3.1 Eterna Goiás

A memória é uma imitação mental das experiências captadas pelo corpo por meio dos movimentos e sentidos. Essas representações são evocadas no decorrer de nossas vidas, assim acontece com o Goiás e suas histórias que são nomeadas na escrita. O conceito da terra natal exposto por Gaston Bachelard nos ajuda a refletir sobre o intenso amor de GMT por Goiás:

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental<sup>142</sup>.

Na escrita do poeta, Goiás emana aconchego, ele transfere para a sua poesia intensas marcas de convivência com o amor de Mãe, que é amparo e fonte de saudade. Dona Celuta Mendonça Teles era os braços sempre estendidos de sua Terra Natal, lugar marcado por imagens de experiências vividas intensamente. Assim ele cita seu berço, no poema “Goiás”, do livro *Aprendizagem*:

Não me fujas ó musa ditosa,  
 Não me deixes assim tão airosa,  
 Pois agora preciso de ti;  
 Vou cantar as belezas que encerra  
 As paisagens virentes da terra  
 Dessa terra na qual nasci.

Quero assim... não me deixes sozinho

---

<sup>142</sup> BACHELARD, 1997, p. 9.

Ante as garras ferozes do vinho  
 E do fumo em meio a fumaça  
 Pois eu quero esquecer a desdita  
 E cantar esta terra bendita  
 Muito longe das minhas desgraças.

Vamos logo correr as paisagens.  
 A natureza, as suas imagens  
 Que fascinam o imenso horizonte.  
 Que meus olhos contemplem contentes,  
 Que as tristezas se tornem ridentes  
 Como os meigos murmúrios das fontes.

Já vislumbro extensas campinas,  
 Perfumadas com lindas boninas,  
 Já descobro em tudo esplendor.  
 Desde a terra que piso animado  
 Ao esplêndido céu azulado  
 Que celebro com todo fervor.<sup>143</sup>

É notável o efeito sonoro nesse poema com a repetição das consoantes M e N, trazendo ao poema a musicalidade. As rimas externas consoantes bem elaboradas fazem o poema de versos livres, com uma linguagem culta e vibrante.

Desvendando os segredos da poesia, o jovem poeta alcança cada vez mais o controle da arte da criação, e o tema escolhido contagia o leitor que se identifica com a exaltação da terra. Seu poema traz o sentimento da humanidade; acontece a identificação do outro. O poeta discursa sobre a primeira morada, encarnando as declarações sobre as moradas de tantos que não sabem se expressar. Como explica Octavio Paz sobre o poema:

Para ser presente o poema necessita fazer-se presente entre os homens, encarnar na história. Como toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa em um tempo anterior a toda a história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela<sup>144</sup>.

Na sua juventude, Gilberto Mendonça Teles tinha um clube favorito em Goiás, o Atlético Clube Goianiense, em que ele jogou na reserva em 1947, possuindo “a esperança de jogar no Flamengo<sup>145</sup>.” Time grande que, no futuro, seria torcedor no Rio de Janeiro. Em 1952, escreveu o poema “O caminhão”, descrito em *Aprendizagem*, lembrando quando ia jogar futebol em Anápolis:

<sup>143</sup> TELES, 2011, p. 263-264.

<sup>144</sup> PAZ, 1996, p.53.

<sup>145</sup> AQUINO, Luiz de. Entrevista publicada na Internet em 22 de Junho 2004. Portal de Literatura e Cultura. Disponível em <[http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop\\_artistas/gilberto.htm](http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop_artistas/gilberto.htm)> Acesso em 02 jan. 2013.

Em saturnal orgia o caminhão devassa  
a esburacada estrada em meio à noite escura.  
Estúpida algazarra, assomo de loucura  
a semear no espaço o germe da desgraça.

Cortejo de imbecis que o riso da tontura  
entorpece o gritar na ríspida mordaça;  
o gume do prazer o peito lhes trespassa,  
e eles fingem gozar felicidade pura.

Horda indigna voando em direção do abismo!  
Exóticas missões de rude vandalismo,  
quebrando o pedestal de alegre mocidade.

E eu vou também ali, fingindo ser feliz,  
procurando esconder a funda cicatriz  
na algazarra infernal da mediocridade.<sup>146</sup>

O jovem poeta revela o translado para tentar a apoteose de viver o sonho de ser um grande jogador. Uma época importante na vida daquele que almeja reconhecimento como jogador.

Em meio ao rigor formal, percebemos a influência do simbolismo, quando o autor evoca a tristeza no último terceto.

Encontramos Goiás retratada em vários poemas de sua obra poética, e com a capacidade de inovar, ele apresenta sempre algo novo sobre o que foi vivenciado, preocupando-se com a técnica, com as formas, como retratar os acontecimentos do passado, registrados desde a infância até hoje. Cada poema que aclama Goiás é diferenciado, por mais que fale da sua terra Natal, seu poema possui uma veste nova, inusitada. Conforme explanado por Jurema Coutinho Braga, na introdução do livro *Aprendizagem*:

Sob análise, seus poemas deixam notar o dualismo central de sua escrita: o poeta situa-se entre a linguagem coloquial e a linguagem culta, entre a forma fixa e forma livre, entre a tradição e a modernidade, o que poderia introduzir o leitor a considerar erroneamente uma obra claudicante e indecisa. Entretanto, deve-se considerar que Gilberto Mendonça Teles é um poeta consciente da modernidade, por seu lirismo e por sua técnica, sobretudo pela preocupação com a pesquisa formal em busca de um texto bem trabalhado. Sua poesia é de interiorização. É um criador de palavras que acredita na sua linguagem e no seu poder de comunicação, fazendo, como já dissemos, com que o novo saia de dentro do velho, mostrando-se até audacioso ao construir imagens que não foram feitas, modificando a maneira de tratar um tema. E é dessa dialética do novo no velho ou do velho no novo que surge o amadurecimento do homem e de sua arte, numa busca em retratar o passado e dar-lhe uma roupagem mais adequada ao presente.<sup>147</sup>

<sup>146</sup> TELES, 2011, p. 304.

<sup>147</sup> TELES, 2011, p. xxix.

Goiás se apresenta sempre com vestes inovadoras na escrita poética de GMT. Com labor, os versos mostram sua terra sob diferentes prismas, sob olhares ternos, capturando os sentimentos humanos vivenciados pela terra em que nasceu. Quando se refere ao berço, no poema “Eterno Retorno” de *Plural de Nuvens* de 1984, revela que sua terra é o cordão umbilical que o conduz ao amor materno:

Em Santiago de Compostela, curtindo  
a mordomia de um quatro-estrelas,  
olhou enternecido o tecido da chuva  
e teve saudade do apartamento de Lisboa.

Em Lisboa, gozando os íntimos instantes  
da temporada no céu do Lumiar,  
olhou vagamente as nuvens do Ocidente  
e teve saudade do apartamento do Brasil.

No Rio, perseguindo alguma ninfa  
na ilha do escritório refrigerado,  
olhou por muito tempo o risco do avião  
e teve saudade da casinha de Goiás.

Em Goiânia, voltando a ser menino  
e guardando bem fundo o carinho da mãe,  
olhou emocionado o caminho de Santiago  
e teve saudade do tempo em que estava

vendo terras de Espanha,  
areias de Portugal.<sup>148</sup>

Percebemos que o poeta utiliza, como base do seu discurso poético, os nomes dos lugares visitados. Organiza o tempo e espaço das palavras, mostrando as imagens de viagens e suas moradas. O leitor sendo companheiro de viagem do poeta participa ativamente das vivências instaladas da poesia, consoante explicação do autor Octavio Paz; “Há uma característica comum, a todos os poemas, sem o qual nunca seriam poesia: a participação. Cada vez que o leitor revive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético.”

Em versos com aliterações e assonâncias, o poeta apresenta o “enjambement”, que oferece “um choque entre o som (completo), a organização sintática e o sentido (ambos incompletos)”.<sup>149</sup> Esse recurso sintático, trouxe mais ritmo à composição, prevalecendo a preocupação com o aspecto formal, marca da poesia de GMT.

---

<sup>148</sup> TELES, 2003, p. 340.

<sup>149</sup> GOLDSTEIN, 2002, p.63.

As imagens da terra natal estão inseridas em sua escrita, quando, ao transportá-las com a arte da escolha, do labor criterioso para o papel, essas são transformadas e organizadas em forma de poema que atravessa os sentidos de seus leitores, levando-os a percorrerem as maravilhas das terras, pássaros, rios, folclore e os cerrados de sua terra sempre presente, como descreve no poema “Goiás”, do livro *Saciologia goiana*:

Só te vejo, Goiás quando me afasto  
e nas pontas dos pés, meio de banda,  
jogo o perfil do tempo sobre o rasto  
desse quarto-minguante na varanda.

De perto, não te vejo nem sou visto.  
O amor tem destes casos de cegueira:  
Quanto mais perto mais se torna misto,  
Ouro e pó de caruncho na madeira.

De perto, as coisas vivem pelo ofício  
do cotidiano – existem de passagem,  
são formas de rotina, desperdício,  
cintilações por fora da linguagem.

De longe, não, nem tudo está perdido.  
Há contornos e sombras pelo teto.  
E cada coisa encontra seu sentido  
na colcha de retalhos do alfabeto.

E, quanto mais te busco e mais me esforço,  
de longe é que te vejo, em filigrana,  
no clichê de algum livro ou no remorso  
de uma extinta pureza drummondiana.

Só te vejo, Goiás, quando carrego  
as tintas do teu mapa e, como um Jó,  
um tanto encabulado e meio cego,  
vou jogando em verso, em nome, em GO.<sup>150</sup>

Nessas estrofes o poeta demonstra o cuidado ao falar daquilo que se aprendeu a amar. O amor por sua terra é expresso nos versos expostos, ocorrendo uma transfusão de imagens do passado sempre recente, pois o homem carrega em si, além da herança genética, as várias imagens de seu habitat, que são sempre demonstradas em vários escritos poéticos, como comenta Ilca Vieira de Oliveira, no livro *Plumagem dos Nomes*, no seu texto “O telúrico na poesia de Gilberto”.

---

<sup>150</sup> TELES, 2003, p.361-362.

O poeta é “um amante do conhecimento” quando busca conhecer a verdadeira natureza de cada essência, ou seja, desce ao mundo da caverna subterrânea para ver de perto as imagens. Para conhecer a si mesmo e a sua terra natal, o poeta Gilberto Mendonça Teles desce nos recônditos mais profundos do inconsciente em busca de uma “verdade” para as coisas “não-ditas” e “não-vistas”.<sup>151</sup>

Mesmo com as transformações normais que ocorreram com “Goiás”, sua imagem permanece da maneira que o poeta traz em sua memória. Tudo o que os olhos veem agora não desmancham os sentimentos de outrora. Para Alfredo Bosi, “a imagem amada e temida, tende a perpetuar-se, vira ídolo ou tabu.”<sup>152</sup> Assim acontece com a terra natal do poeta. O passado vivido em Goiás é um registro saudosista que entrelaça a vida lírica do poeta, ele deixa e leva saudades consigo a cada partida. Percebemos a presença da saudade que atemoriza o autor que, para solucionar seu sofrimento, refugia-se na escrita, transportando para o leitor o lirismo explícito em cada verso. Gilberto utiliza cada imagem, cada ausência que gera a dor, para tecer com sapiência a sua poesia. Entendemos por meio de seus versos que o autor em seu ofício poético demonstra que tudo o que é sentido por meio das imagens, pode ser escrito.

Como professor e crítico de si, tece seus poemas com devoção, sem limitar o tempo para transformar as palavras, criar vocábulos, crescer dentro e por fora da linguagem. O poeta lapida a sua escrita desde a claridade do dia até escuridão da noite. Gilberto Mendonça Teles sempre retorna a sua terra de origem, ao seu eterno lar. Nos seus escritos demonstra a intensa emoção de percorrer espaços guardados em sua memória.

O tema sobre a terra natal é um marco na poesia de Gilberto Mendonça Teles. Sua terra Natal perdeu o brilho após a morte da Dona Celuta em 1995, os braços de Goiás se foram e a saudade imperou por um tempo. O poeta recorda-se das imagens maternas, que estão caladas e guardadas secretamente em seus versos. De Goiás falta um pedaço que só será preenchido por meio da poesia.

Gilberto Mendonça Teles utiliza-se de cada imagem do passado, de cada ausência, dos amores, do abrigo para tecer com sabedoria o bordado que é a sua poesia. O que podemos perceber é que ele, ao escrever sobre Goiás, perpetua seu princípio e proclama em versos a eterna saudade de ser goiano, rememora seu crescimento, suas experiências, tudo o que foi vivido.

Percebemos que Gilberto Mendonça Teles, por mais que esteja no Rio de Janeiro, não se distancia espiritualmente de Goiás, como afirma em entrevista ao escritor Luiz de Aquino:

---

<sup>151</sup> TELES, 2007, p. 372.

<sup>152</sup> BOSI, 2000, p.20.

Meu espírito nunca se afastou de Goiás. E o interessante é que nunca esnobei Goiás. Onde estou, sou goiano: no Rio, em Lisboa, em Salamanca, em Chicago, em Paris. A ignorância geográfica do carioca se manifesta em perguntar assim: "Gilberto, Goiás está no Mato Grosso do Norte ou no do Sul?" Juro que uma escritora me fez essa pergunta. Sempre que posso venho a Goiânia; venho pelo menos duas vezes por ano para pescar. Tenho por aqui fiéis amigos de pescaria, um dos quais acaba de nos deixar, o Domiciano de Faria. Muitas vezes eu chegava ao aeroporto, entrava no carro dele e, com Jackson Abrão, íamos direto para o Araguaia, onde ficávamos pelo menos três dias, pescando, contando piada, jogando truque e bebendo um bom uísque. Eu renovo assim meu estoque de imagens goianas, do Goiás autêntico que é o do interior<sup>153</sup>.

O poeta reafirma no poema “No Araguaia”, no livro *Linear G*, como reaviva as imagens de Goiás, trazendo para seus versos uma continuidade de acontecimentos da vida real de Gilberto Mendonça Teles, ficcionalizados na sua escrita poética.

Dentro do rancho, na rede  
eu via o tempo passando  
— por cima d’água as espumas,  
um boto de vez em quando.

Acima, na gritaria  
dos tucanos, das araras,  
eu via as garças passando  
no espelho das águas claras.

E mais acima, na tarde  
que de fogo se cobria,  
viu a beleza passando  
nas nuvens do fim do dia.

Via a distância o desejo,  
o que foi e tem sentido,  
tudo cantava, passando  
como um sonho acontecido.

Dentro do rancho na rede,  
eu vi o tempo passando  
— por cima d’água o silêncio,  
Saudade de vez em quando.<sup>154</sup>

O Rio Araguaia, cuja nascente fica entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, na Serra do Caipó, possui uma extensão de 2.114 km e é considerado um dos mais picosos do mundo é revelado em muitos poemas de GMT. Ele revela as imagens do rio, com seus

<sup>153</sup> AQUINO, Luiz de. *Entrevista publicada na Internet em 22 de Junho 2004*. Portal de Literatura e Cultura. Disponível em <[http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop\\_artistas/gilberto.htm](http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop_artistas/gilberto.htm)> Acesso em 02 jan. 2013.

<sup>154</sup> TELES, 2010, p.117.

pássaros, águas transparentes, os botos que o atravessam, toda beleza que consegue armazenar da terra que sente saudades. Essa lembrança é um dos meios da sua escrita poética, conforme relata na entrevista dos 50 anos de poesia em *Plumagem dos Nomes*, concedida a Brasigóis Felício:

O ato de selecionar palavras para expressar alguma vivência passa pelo desfiladeiro da memória, que armazena os gostos, a competência e os elementos culturais do poema. Deste modo, basta repetir a sua bela enumeração na segunda linha da pergunta<sup>155</sup> para afirmar que a lembrança das paisagens, da gente, dos costumes e da cultura de Goiás constitui um dos recursos do meu fazer poético<sup>156</sup>.

Goiás é uma miscelânea de imagens marcantes que figuram nos versos do poeta, que retorna para ela espiritual e fisicamente. Suas memórias sobre o enlevo da terra natal são reavivadas em seus poemas.

### 3.2 Morada Atual

No metamorfosear constante do sujeito que escreve para adquirir a perfeição, desvendar limites, quebrar paradigmas, inovar conhecimentos para aprimorar sua linguagem, o poeta avança para conquistar novos reinos, fixando morada na cidade do Rio de Janeiro em 1970, cidade que foi um leque aberto para o seu crescimento intelectual. Seu caminho como poeta transcendeu e continua em ebulição. O seu ofício de “lavar” as palavras, dando diferentes sentidos e belas roupagens, suscita mais leitores que se identificam com a sua poesia, de acordo com uma entrevista a Jorge Aquino Filho, descrita no livro *Trinta anos de poesia*:

O poeta é o homem que tenta pôr em linguagem a história dos encontros e desencontros. É um selecionador do que lhe parece melhor e que pode também ser bom para quem o ler. Daí o segundo aspecto: o particular do poeta, por ser um particular humano, tem a possibilidade de se comunicar a um tipo de leitor que encontre afinidades com os seus sentimentos e com as suas ideias<sup>157</sup>.

Então, aparece a oportunidade de adentrar-se, de encontrar-se com mais pessoas influentes na arte literária: frequentar a casa do bibliófilo Plínio Doyle, todos os sábados à tarde, durante 34 anos ininterruptos, onde a nata dos escritores brasileiros se encontrava, poetas como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira; romancistas como Rachel de

<sup>155</sup> A segunda linha da pergunta feita por Brasigóis Felício é se lembrar as paisagens, povo e cultura de Goiás alimenta as baterias de sua poética?

<sup>156</sup> TELES, 2007, p. 692.

<sup>157</sup> TELES, 1986, p. 101.

Queiroz e Lygia Fagundes Telles; o memorialista Pedro Nava e dezenas de outros escritores e intelectuais em geral. E como participante, colocou em linguagem de poema, a realização da ata da reunião, no poema “Encontro”, descrito no livro *Arte de armar*. Esse ata-poema foi criado em 25 de Novembro de 1972, para marcar o primeiro livro de registros do “Sabadoyle”:

Afinal entro e me encontro  
entre livros

Livre e limpo,  
respiro o tempo no limbo  
(melhor) no lombo das obras  
ou no lume dos volumes  
que galopam, que dissipam  
que galossipam na sala  
as nuvens desse tropel  
que vem de dentro da língua  
reduzida à disciplina  
das estantes.

Que troféus  
são esses que me interrogam  
e me convidam à sorte  
de cavalgar sortilégios  
na pesquisa de minérios,  
de palavras aurita-  
biranas?

E que linguagem  
vai me envolvendo nos sábados,  
vai me fazendo ritual,  
me devolvendo ao silêncio  
que só percebo nas linhas  
na casa de Plínio Doyle?

Afinal, entro e me encontro  
entre livros e entre homens  
da melhor letra e leitura  
que ainda existe.

Ra / diante  
do olhar azul do Poeta.<sup>158</sup>

Nos Sabadoyles, conversava-se sobre tudo (menos política e religião, que eram temas proibidos), comiam-se biscoitos, tomava-se guaraná, consultavam-se os livros do dono da casa, contavam-se piadas e celebrava-se a arte da convivência. Tudo sob o comando de Doyle. O Sabadoyle, que se repetiu por 1.708 vezes, foi extinto em 1998. A cada reunião, um dos participantes era encarregado de redigir uma ata, relatando o que se conversara e discutira

---

<sup>158</sup> TELES, 2003, p. 527.

naquela tarde, seja em forma de prosa, crônica ou poesia. Em uma entrevista, Gilberto Mendonça Teles diz como eram os encontros do Sabadoyle:

Conheci Plínio Doyle em 1972 na livraria José Olympio, que editou meu livro sobre Drummond. Na época em preparava com Drummond a sua *Seleção em prosa e verso* (que os netos tiraram do mercado porque o poeta fez questão de dividir comigo os direitos autorais e os netos, para não pagar os 5% , preferiram não editá-la mais). Por duas vezes, Plínio me disse apareça lá em casa aos sábados, uns amigos se reúnem lá. Assim comecei a frequentar o que depois se chamou Sabadoyle. Convivi lá com os maiores intelectuais do Rio de Janeiro e do Brasil naquela época. Nas vezes em que estive trabalhando no exterior (Portugal, França, Estados Unidos e Espanha) não perdi o contato com o Sabadoyle, pois havia sempre um amigo (Joaquim Inojosa, por exemplo) que me punha a par dos acontecimentos por lá. No meu livro *Caixa-de-fósforos*, de 1999, aparecem dois poemas sobre o Sabadoyle, um dos quais registra a mudança das reuniões da rua Nascimento Silva para o Jardim de Alá. Vivi por lá grandes momentos da minha vida intelectual. Exemplo: um poeta goiano se hospedou na minha casa e, no sábado, quis me acompanhar à casa do Plínio. Fui claro: não posso levá-lo sem antes consultar o dono da casa. Telefonei ao Plínio e lhe perguntei se podia levar um poeta de Goiás. Ele me disse: se é seu convidado, será bem vindo. Naquele dia, Juscelino Kubitschek visitava o Sabadoyle. Quando o poeta goiano (que havia bebido uns chopes) viu o presidente, quis logo entrevistá-lo, criando uma situação constrangedora. Quando Plínio viu aquilo, me chamou ao seu escritório e me disse: “Você o trouxe, trate agora de tirá-lo daqui”. Imediatamente, fiz o “repórter” me acompanhar, perdendo assim o convívio com Juscelino, que ficou a tarde toda por lá. Os livros de atas que se faziam registram bem o sentido de afabilidade e de conversa desprestenciosa que havia no Sabadoyle.<sup>159</sup>

Em 1994, no poema “Atadoyle”, descrito no livro *Poemas Avulsos*, o poeta expõe como eram os encontros que não marcaram somente a sua vida, mas a cidade do Rio de Janeiro. O eu lírico usa a ficção ao relatar uma época importante da vida do eu real, alinhavando memórias na sua escrita:

# I

Da Barão de Jaguaripe  
à de Epitácio Pessoa,  
viajando a pé ou de jipe  
por terra, mar e lagoa,

cheguei cedo a esta casa,  
buscando papel e tinta:  
queria voar sem asa,  
queria a mulher dos trinta.

<sup>159</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

Queria... que mais queria  
que não fosse ausência e perda?  
Talvez o azul da Poesia,  
seu direito e sua esquerda...

Ou talvez só a presença  
do melhor, do mais discreto,  
que alentava a minha crença,  
polia meu alfabeto.

Ou quem sabe a prosa amiga,  
a que se escuta e recolhe,  
esta que faz cantiga  
na casa do Plínio Doyle?

## II

Da Barão de Jaguaripe  
à de Epitácio Pessoa,  
sai a campo toda a equipe  
tirando cara e coroa.

(Os que foram e agora  
nos espiam do outro lado  
mandaram o ouro da aurora  
no seu presente passado.)

Os outros, nos enfeitamos  
nos reunimos na pressa  
deste sábado de ramos  
onde outro tempo começa.

Cada um quer ser primeiro,  
cada qual correr na frente,  
mesmo o que vem do estrangeiro,  
amigo, gringo ou parente.  
Todo mundo busca espaço,  
quer seu tempo e rocambole  
para trazer seu abraço  
à festa do Plínio Doyle.

## III

Da Barão de Jaguaripe  
à de Epitácio Pessoa,  
antes que alguém se antecipe  
nalguma lorota boa,  
eu conto o que hoje descubro  
na redação desta ata:  
vejo o primeiro de outubro  
como algo mais do que data.

Eu vejo o dia em que o Plínio  
(mil novecentos e seis)  
começou o seu domínio  
sobre livros, sobre as leis.

E, com suave censura,  
com bondosa austeridade,  
reuniu a literatura,  
criou arquivo e amizade.

Hoje dá café, biscoito  
e alguma coisa submersa  
que sai dos oitenta e oito  
e entra na nossa conversa,

fazendo que a gente fique  
muito alegre e muito mole,  
a ponte de ir a pique  
nas ondas do Sabadoyle.<sup>160</sup>

Versos bem arquitetados, curtos e contagiantes, trazem o ritmo ao poema, transformando-o em uma canção que encanta os ouvidos dos leitores, transpondo a história do Sabadoyle para sua linguagem poética, fazendo que o poeta Gilberto Mendonça Teles registre mais uma vez a época de tanta literariedade da sua vida.

A formação de um poeta perpassa por etapas que o identificam, sua transformação é uma necessidade constante. Foi fazendo experiências com palavras, labores que culminaram em uma linguagem única.

Entre o indizível e o que pode ser declarado, o poeta se adentra na linguagem superando seus conhecimentos. Traz para os seus versos as marcas das imagens, dos recantos humanos. Dessa forma, são expostas na poesia de GMT imagens que lembram a cidade do Rio de Janeiro, seus detalhes, como notamos no “Rubro-Negro” do livro *Arabiscos*:

Uma FLAma me inFLAma e sou FLAmengo  
Sopro de brisa  
tempestade

FLAmen

Go de gozo e gogó – o go do jogo  
o go do gol – o go do gole o Go  
de Goiás e do gorro do Saci.

Gosto se ser FLAmengo como gosto  
do FLAgrante das FLÂmulas do grito,  
de vitória nas tardes FLAmejantes  
de doMengo.

Mas uma vez FLAmengo, sou FLAabelo,  
sou desejo FLAmívono nas vozes

---

<sup>160</sup> TELES, 2003, p. 956-958.

t i  
arqui o c d s nas arquibancadas.  
r a

De rubro e negro e de cachimbo e fumo  
visto meu som de FLAuta e FLAjolé  
olé! minha cabeça na disputa  
olé! a minha perna dribla e chuta  
olé! a bola gira no meu pé.

Um Saci que se inFLAma deita e rola  
que põe mandinga na palavra bola  
quando vê o FLAmingo dar olé!<sup>161</sup>

O jogo de repetição da sílaba FLA demarca um recurso utilizado pelo poeta para acentuar o sentimento imenso que carrega no coração pelo time do Flamengo. Traz em suas estrofes a mesclagem do goiano com um símbolo essencial do Rio de Janeiro, mostrando a transparência da fusão que impera em sua vida. O poeta Gilberto demonstra em seu poema que a cidade tem importância fundamental em sua produção literária, pois transfere para sua escrita o que aprendeu convivendo com pessoas de outros lugares, outras paixões.

Na concepção desse poema, o poeta mescla sentimentos do seu próprio ser. Reflete a presença do Saci, da representação da sua terra natal. Gilberto Mendonça Teles tem duas moradas: a cidade do Rio de Janeiro que o recebeu calorosamente e Goiás, seu eterno lar. Imagens tão comuns, como a terra em que o homem habita, um jogo de futebol, são convertidas laboriosamente em poesia, essa linguagem que exprime o ser.

Mas é no Rio de Janeiro que o poeta vive a sua maturidade poética. A cidade que virou casulo do escritor Gilberto, o encantamento constante que inebria a retina do poeta, que convida os leitores a viajarem de Goiás para o Rio, das suas cidades para o mundo.

Nesse ofício, suas vivências são reveladas, suas leituras, o conhecimento arquivado e sua extrema dedicação aos versos. E a sua morada envolve com braços da literariedade o seu tear poético. E cada vez a sua experiência poética tem acrescentado ao mundo das letras a revelação do seu próprio ser, como acentua Octavio Paz:

“A experiência poética é uma revelação de nossa condição original. E essa revelação é sempre resolvida numa criação: a de nós mesmos. A revelação não descobre algo exterior, que estava aí, alheio; o ato de descobrir entranha na criação do que vai ser descoberto: nosso próprio ser<sup>162</sup>.”

<sup>161</sup> TELES, 2003, p.58.

<sup>162</sup> PAZ, 1982, p. 187.

Gilberto Mendonça Teles quando precisa de descanso, de inspiração, sai do apartamento no centro do Rio de Janeiro e se enclausura na Barra da Tijuca. Assim, para ser arrebatado para a dimensão de escrita, segue para seu ponto de equilíbrio, como explana no poema “Barra” em *Linear G*:

Todo mundo tem cachaça, diz o poeta.  
Mas penso que todo mundo tem é a sua barra  
ou a sua birra, o seu limite e utopia.

Uns têm a barra de chocolate,  
outros a da musculação.  
Existem os que só querem a barra da saia  
e os que vão parar na barra dos tribunais.  
Há os que sabem que a barra do dia e-vém  
e os que olham os navios saindo da barra.

Quando a barra está pesada  
ou o técnico me barra na partida,  
pego minhas coisas e vou dormir na Barra,  
meu recreio, meu limite e utopia,  
meu passaporte para a poesia.<sup>163</sup>

O poeta apresenta alento nesse poema, explicando que todos têm uma saída para recompor forças, uma forma de renovação das energias para voltar para a rotina. Expressa liricamente, dizendo claramente como é seu momento de descanso, sua experiência. Trata-se da realidade experimentada no poema autobiográfico, revela seu cotidiano, permanecendo dessa forma gravado para todo o sempre.

Gilberto Mendonça Teles confirma a sua ida para a Barra da Tijuca, descrevendo o resumo da sua semana numa entrevista a Selmo Vasconcellos em 2009:

Toda a minha vida está ligada ao ato de escrever, pois sou poeta, crítico e professor de literatura. Mas veja uma síntese das minhas atividades na semana, a partir das 6 da manhã. Tomo café às 7, almoço às 12 e trabalho à tarde (leio, escrevo, atendo pessoas e dou uma saidinha à noite, por uma hora, por aí). A mesma coisa na terça, sendo que, nas terças e quintas, das 7 às 8, faço hidroginástica. Assim, nos demais dias úteis, seleciono os convites a que devo comparecer, e a que raramente compareço. No sábado vou para meu apartamento na Barra da Tijuca, onde quase sempre fico relendo o que escrevi durante a semana. Domingo vejo jogo do Flamengo, se o Flamengo joga.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> TELES, 2010, p.43.

<sup>164</sup> VASCONCELLOS, Selmo. *Entrevista publicada na Internet em 2009*. Selmo Vasconcellos. Disponível em: <http://www.selmovasconcellos.com.br/colunas/entrevistas/gilberto-mendonca-teles-entrevista/>. Acesso em 08 fev. 2013.

O poema “A Barra”, em que o poeta apresenta outras “barras humanas”, expõe o seu local de travessia para a poesia. O autor trabalha durante a semana, com suas motivações, escreve seus poemas e em seu apartamento na praia, tendo o Oceano Atlântico por companheiro, finaliza seu “objeto verbal”, revelando a poesia.

O poeta tem muita saúde e muita vontade de trabalhar, a rotatividade de suas viagens para apresentação de conferências é alta. Sempre com a agenda cheia de compromissos, mesmo assim, tem sempre um tempo dedicado aos seus alunos, aos que escrevem sobre a sua poesia. Sendo entrevistado sobre os planos futuros, sua resposta é sempre muito trabalho:

Meu presente é meu futuro. Estou sempre trabalhando nalguma coisa: lendo livros de amigos, revendo teses de orientandos, escrevendo novos poemas e preparando livro que, espero, seja o mais importante da minha vida. Sou frequentemente convidado para conferência e atualmente apresento também os meus poemas.<sup>165</sup>

Cada poema de Gilberto Mendonça Teles é uma porta aberta, de inúmeras janelas, pelas quais o leitor segue os sinais da poesia, de acordo com o poeta, como diz Mikel Dufrenne, “[...] A poesia incita o leitor a ser, ele mesmo, poético: não poeta, mas colaborador do poeta, que realiza em si mesmo o que o poeta criou, sem criar, isto é, sem imaginar, por sua própria conta.”<sup>166</sup>

Apresentamos neste capítulo as manifestações líricas e autobiográficas contidas nos poemas que evidenciam as moradas do poeta: Goiás e Rio de Janeiro. Verificamos a presença da primeira pessoa que relata a suas emoções diante das imagens que rememora, que tem saudades, nas quais habita, nas quais descansa. A verdade e a ficção se encontram nos versos, e nós, como leitores, analisamos os acontecimentos como são expostos.

---

<sup>165</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

<sup>166</sup> DUFRENNE, 1969, p. 109-110.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E que sabe que a poesia  
só existe na boa-fé  
de quem a trata noite e dia  
com muito amor e cafuné.  
(Gilberto, 1950, p. 889)*

Este estudo partiu do reconhecimento de alguns elementos de cunho confessional do eu lírico que se encena na linguagem poética de Gilberto Mendonça Teles e metamorfose da sua escrita juvenil para versos carregados de poesia, após uma vida dedicada a escrever versos.

Escolhemos os poemas dos livros *Aprendizagem*, *Fábula de fogo*, *Arabiscos*, *Álibis* e *Linear G* para analisarmos o nosso objeto de estudo, cujo entrançamento trouxe um encadeamento de perguntas a que tentamos responder.

Procuramos afirmar no primeiro capítulo que a poesia para o autor, desde seu primeiro contato, tornou-se objeto de árduo estudo e musa para toda a vida. Conseguimos demonstrar como foi o processo de lapidação da linguagem de GMT; suas observações e conceitos, como crítico e professor, foram transformando a poesia; usava também a metalinguagem, a qual se despontou e até hoje ele ensina pelo viés dos versos. O poeta é hoje ícone de referência em poesia. Ele ama seu objeto de estudo e utiliza vestimentas modernas, mas usando a formalidade do passado.

Conseguimos em nosso roteiro, no segundo capítulo, afirmar que o eu lírico apresenta a sua identidade em poemas que exibem fatos da vida do poeta. A família, o amor e a religião são lembranças que o poeta compõe em seus versos. Suas confissões encenadas ajudam na construção da história e vão preenchendo as lacunas antes não reveladas na sua trajetória poética como comenta o crítico Antonio Candido em *A Ficção e confissão*:

O caso mais freqüente, porém, é o do romancista ou do poeta que a certa altura sente necessidade de revelar-se diretamente, escrevendo confissões que completam e esclarecem a obra de criação – como estamos vendo em nossa literatura com Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Gilberto Amado.<sup>167</sup>

Dessa forma, fizemos um alinhavo com as entrevistas que, mesmo sendo, às vezes, declarações ficcionais, apontam para a confirmação de informações sobre o autor, com as

---

<sup>167</sup> CANDIDO, 1992, p.69.

informações biográficas de sua mãe D. Celuta para confeccionarmos o tecido textual em que visualizamos a imagem de um poeta que se esboça nos poemas. Com poemas em primeira pessoa, o autor/poeta seleciona os fatos que podem ser conhecidos por seus leitores, ele escolhe a verdade mais certa e se mostra sob a sua medida, sob a sua escolha. Os versos líricos se entrecruzam com a ficção e com as declarações de críticos estudantes, árdios da sua poesia, sendo possível o entrançamento de informações que elucidaram questionamentos basilares dessa pesquisa sobre o papel da representação escolhida pelo poeta.

Abordamos no terceiro capítulo uma das marcas da sua escrita: as imagens dos espaços desde o seu nascimento até os dias atuais: sua terra natal, os braços abertos que são revisitados constantemente na imaginação e em pessoa real. Goiás, “seu recurso do fazer poético”, é cartão de representatividade do autor, valorizando-a, ele eterniza suas emoções, o seu reconhecimento e respeito se inserindo na poesia, rememorando o passado e exaltando suas paisagens, nesse presente, ao ir pescar no Rio Araguaia. A cidade do Rio de Janeiro também é perpetuada na linguagem poética de GMT, desde 1970, tornando-se seu novo endereço até os dias atuais. Suas imagens são recompostas nos poemas, em que verificamos o eu lírico tecendo fatos vividos pelo autor.

Com essa dissertação de mestrado descobrimos que dois anos não são suficientes para estudar o fator autobiográfico de alguns poemas de Gilberto Mendonça Teles, assim, pretendemos continuar essa caminhada em um doutorado, para perpassar por toda a obra literária do autor. Essa tecitura que se iniciou em 2003 perdurará por muito mais tempo.

Esclarecemos que o fato de estudarmos sobre um poeta em plena atividade artística tornou nosso estudo ainda mais desafiador.

Dessa forma, finalizamos nosso trabalho, acreditando ter deixado uma porta aberta para que os leitores conheçam Gilberto Mendonça Teles através da escrita de si e se embrenhem no mágico mundo de sua poesia.

## REFERÊNCIAS

### 1. Do autor

TELES, Gilberto Mendonça. *A Plumagem dos Nomes: Gilberto 50 anos de literatura*/Eliane Vasconcelos. Goiânia: Kelps, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. *A retórica do silêncio: teoria e prática do texto literário*. São Paulo: Cultrix, 1979.

TELES, Gilberto Mendonça. *Alvorada*. Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1955. Pref. do Autor. Capa de Péclat de Chavannes. 54 p. 2ª Edição, fac-similada. Goiânia: Academia Goiana de Letras, 2005. 110 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Arte de armar*. Rio de Janeiro: Imago, 1977; 2ª ed.

TELES, Gilberto Mendonça. *Caixa de fósforos* (Poemas Dedicados e Circunstanciais). São Paulo: Giordano, 1999. Prefácio do Autor. 112 p. 2ª ed. aumentada em Hora Aberta, 4ª ed.; Álibis. Joinville, SC: Sucesso Pocket, 2000. Capa de Vitor Burton. 110 p.; Arabiscos

TELES, Gilberto Mendonça. *Carta de Gilberto a Darcy*. Rio de Janeiro: a, 2012

TELES, Gilberto Mendonça. *Cone de sombras*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995. Capa: Escrita, gravura de Selma Daffre. Orelha do Autor. Foto de Elisa Hermana. 143 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Estrela-d'alva*. Goiânia: Brasil Central, 1956. Pref. do Autor. Prêmio Félix de Bulhões, da Academia Goiana de Letras. 78 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Fábula de fogo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961. Ilustração de Fr. Confaloni. Prêmio Leo Lynce, da União Brasileira de Escritores – Seção de Goiás. 178 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Hora aberta: poemas reunidos*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. *Intenções do ofício*. 1998.

TELES, Gilberto Mendonça. *Linear G*. São Paulo: Editora Hedra.

TELES, Gilberto Mendonça. *Pássaro de pedra*. Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1962. Capa e desenho de D. J. Oliveira. Orelha de Jesus Barros Boquady. Prêmio Álvares de Azevedo, da Academia Paulista de Letras. 104 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Planície*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958. Capa e ilustrações de Fr. Confaloni. Prêmio de Publicações da Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, da Prefeitura Municipal de Goiânia. 102 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Plural de nuvens*. Porto: Gota de Água, 1984. 112 p. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990. Pref. de Telênia Hill. Capa de Joatan Sousa da Silva. Foto do Autor por Rosary Caldas. 95 p.

TELES, Gilberto Mendonça. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: J. Olympio / INL, 1978; 2ª ed. J. Olympio, 1979. 3ª ed. aumentada e com o título de Hora aberta. Idem, 1986.

TELES, Gilberto Mendonça. *Sociologia goiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL, 1982.

TELES, Gilberto Mendonça. *Sintaxe invisível*. Rio de Janeiro: Cancioneiro de Orfeu, 1967. Foto do Autor por Luiz Prieto. 88 p.; *A Raiz da fala*. Rio de Janeiro: Gernasa / INL, 1972.

TELES, Gilberto Mendonça. *Sonetos do azul sem tempo*. O Popular, Goiânia, 1964. São XXII sonetos incluídos em Poemas reunidos e em Hora aberta. Não se fez edição em separado.

TELES, Gilberto Mendonça. *Sortilégios da criação*. Rio de Janeiro: Ed. Galo Branco, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. *Teologia de bolso/Gilberto Mendonça Teles*; seleção e posfácio de José Fernandes. 2. ed. Goiânia: UCG / Kelps, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. *Trinta anos de poesia*. Goiânia: UCG / Centro de Cultura, 1986.

## 2. Sobre o autor

COELHO, Joaquim Francisco. *Gilberto: 40 anos de poesia*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1999.

DENÓFRIO, Darcy França. *Os melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles*. Seleção e estudo de Luiz Busatto. 3. ed. São Paulo: Global, 2001.

DENÓFRIO, Darcy França. *O poema do poema em Gilberto Mendonça Teles*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

DENÓFRIO, Darcy França. *Poesia contemporânea. G.M.T. O regresso às origens*. Porto Alegre: Acadêmica, 1987.

DIAS, Valdenides Cabral de Araújo. *O corpo erótico de Gilberto Mendonça Teles*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2009.

FERNANDES, José. *A linear do ponto G*. Goiânia: Kelps, 2011.

FERNANDES, José. *O interior da letra*. Goiânia: ed. da UCG, 2007.

FERNANDES, José. *O selo do poeta*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

FILOMENA, Deolinda. *No rasto das nuvens*. Lousanense, 1985.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *O Signo de Eros na poesia de G.M.T.* Goiânia: Kelps, 2005.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *Três líricas performativas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

TELES, Celuta Mendonça. *Minha vida de casada*. Rio de Janeiro: Kelps, 2006.

SALES, Luciana Netto de. *As janelas do invisível: uma leitura de Álibis de Gilberto Mendonça Teles*. Rio de Janeiro: edições Galo Branco, 2006.

SISTEROLLI, Maria Luzia. *Os álibis da hora aberta: intertextualidades*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

XAVIER, Terezinha Mucci. *Fortuna Crítica de Sociologia goiana*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011.

### 3. Textos críticos e teóricos

ADORNO, Theodor W. *Lírica e sociedade*. In: BENJAMIN, Walter *et al.* *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

AGUIRRE ROJAS. *La autobiografia como gênero historiográfico: algumas reflexões sobre sus posibilidades actuales*. In: SCHMIDT, Bento Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2000. 4. ed.

ARISTÓTELES. *A poética clássica*: Aristóteles, Horácio, Longino; introdução por Roberto de Oliveira Brandão, tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BARTHES, Roland. *Ensaaios críticos*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1985.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Tradução Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. de Jorge Constante Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1976. (Coleção Signos, nº 20).

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLOOM, Harold. *A Angústia da influência: uma teoria da poesia*. SANTARRITA, Marcos (Trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a bíblia até os nossos dias*. Tradução Alípio Correa de Franca Neto, Heitor Ferreira da costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BORGES, Jorge Luís. *El hacedor*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- BORGES, Jorge Luís. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 34 ed. São Paulo: Cultrix. S.D.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 19-32.
- BRANCO, Lúcia Castello. *A traição de Penélope*. São Paulo: Annablume, 1994.
- BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7. ed. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v. 1, 2.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula. Caderno de análise literária*. 8 ed. São Paulo. 2002.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 5.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo. Ed. Ática, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2010.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad: Vera da Costa e Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- COMITTI, Leopoldo. *Transbordamentos: biografia, acervos de escritores e história da literatura*. São Paulo: Barcarola, 2000.
- COSTA LIMA, Luís. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 3.ed. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIOT, T.S. *De poesia e poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: *O que é um autor*. Lisboa: Edições 70, s/d.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. 13.ed. São Paulo: Ática, 2002.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação*. In: Estudos de teoria literária. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira et al. Campina: Unicamp, 2003.

LEENHARDT, Jacques, Pesavento, Sandra Jatahy(orgs.). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: ED. UNICAMP, 1998. "(AUTO)BIOGRAFIA": TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MASSAUD, Moisés. *A Análise literária*. 13. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

MASSAUD, Moisés. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

MATEUS. In: BÍBLIA SAGRADA: Tradução da CNBB. São Paulo: Editora Canção Nova. 5.ed. 2007.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

MIRANDA, Wander Melo. (Org). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Chapecó: Argos 2003.

MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

- MOSER, Walter. Spätzeit. In: MIRANDA, Wander Melo. *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- NASO, Ovídio. *A arte de amar*. Tradução Pietro nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia: O pensamento poético*. Org. de Maria José Campos. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- NUNES, Benedito. Tempo e história: introdução à crise. In: NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1999.
- OLIVA, Osmar Pereira (Org). *Corpo e mito: ensaios sobre conto brasileiro contemporâneo*. Montes Claros, MG: Unimontes, 2010.
- OLIVA, Osmar Pereira. *Autoria e representações*. Montes Claros, MG: 2011.
- OLIVEIRA, Ilca Vieira de. *Os fios e os bordados: imagens de Gonzaga na ficção literária brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L & PM, 2009.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PEIXOTO, Sérgio Alves. *A consciência criadora na poesia brasileira – do Barroco ao Simbolismo*. São Paulo: Annablume, 1999. 282p.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- POÉTIQUE – *Revista de teoria e análises literárias – Intertextualidades* – Laurent Jenny. A estratégia da forma. Coimbra, 1979.
- POUND, Ezra. *A arte da poesia: ensaios escolhidos*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1976].
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- RICCIARD, Giovanni. Auto-retratos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RICCIARD, Giovanni. Biografia e criação literária. Goiânia: Kelps, 2009.
- RICOEUR, Paul, 1913. *Tempo e narrativa – Tomos I e III*. Trad. Roberto Leal Ferreira; Revisão técnica Maria da Penha Villela – Petit – Campinas: Papirus, 1997.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: Arte e meios de comunicação*. Tradução Rubia Prates e Sergio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*/Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d’Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul, 1905-1980. *O Ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdígão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SELGMANN-SILVA, Márcio. In: *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Editora da UNICAMP, 2003.

SMITH, Huston. *As religiões do Mundo - nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 1996. Tradução Merle Scoss.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Raquel Rolando. *Boitempo – a poesia autobiográfica de Drummond*. Porto Alegre, UFRGS, 1997.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

VIEIRA, Regina Souza. *Boitempo: autobiografia e memória em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

## Entrevistas

AQUINO, Luiz de. *Entrevista publicada na Internet em 22 de Junho 2004*. Portal de Literatura e Cultura. Disponível em <[http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop\\_artistas/gilberto.htm](http://www.blocosonline.com.br/entrevista/pop_artistas/gilberto.htm)> Acesso em 02 jan. 2013.

COSTA, José Carlos da; DEITOS, Nilceu Jacob. Entrevista concedida por ocasião do VIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2008, na Unioeste, *campus* de Cascável – PR – Brasil.

FELÍCIO, Brasigóis. *Entrevista publicada na Internet*. Palavrarte. Disponível em <[http://www.palavrarte.com/Editorial/entrevistas/entrev\\_gilbertomendonca.htm](http://www.palavrarte.com/Editorial/entrevistas/entrev_gilbertomendonca.htm)> Acesso em 12 dez. 2012.

LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista publicada na Internet. Garganta da Serpente. Disponível em <<http://www.gargantadaserpente.com/entrevista/gilbertomteles.shtml>> Acesso em 10 dez. 2012.

MACHADO, Luiz Alberto. *Entrevista publicada na Internet*. Site sobre sites. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/poesia/gilbertoteles.htm>> Acesso em 02 jan. 2013.

PEREIRA, Iuri. *Entrevista publicada na Internet*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/45010510/Gilberto-Mendonca-Teles-entrevistado-por-Iuri-Pereira-da-Editora-Hedra>. Acesso 02 jan. 2013.

TRILHAS Literárias do Plataforma para a Poesia. *Entrevista publicada na Internet em Julho de 2004*. Plataforma para a poesia. Disponível em: <<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tri2004entgmt.htm>> Acesso em 02 jan. 2013.

VASCONCELLOS, Selmo. *Entrevista publicada na Internet em 2009*. Selmo Vasconcellos. Disponível em: <http://www.selmovasconcellos.com.br/columas/entrevistas/gilberto-mendonca-teles-entrevista/>. Acesso em 08 fev. 2013.

TELES, Gilberto Mendonça. *Por uma autobiografia do poeta Gilberto Mendonça Teles*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por jacquelinebteixeira@hotmail.com em 2012.

## APÊNDICE A - Entrevista a Jacqueline Beatriz

### POR UMA AUTOBIOGRAFIA DO POETA GILBERTO MENDONÇA TELES

Com muito orgulho e como uma resposta de um sonho antigo, que vem desde 2002, quando fui apresentada à poesia envolvente de Gilberto Mendonça Teles, por meio da minha orientadora Dra. Ilca Vieira de Oliveira, farei as perguntas para que as respostas possam diminuir a minha curiosidade de mestrande, leitora, fã e discípula.

1. *Sei que você GMT tem uma religião primária, aprendida com a Mãe Celuta, mas fala que adquiriu outras crenças no seu amadurecimento, quais são elas?*

- 1.1 O que você chama de “religião primária” deve ser o legado cultural que o menino adquiriu enquanto crescia na sua infância e adolescência, recebendo-o como o ar que respirava, sem contestá-lo e procurando vê-lo como algo mágico, com histórias de anjos e demônios. É certo que minha mãe nos ensinava a rezar e nos (a mim, o mais velho) incentivava a leitura de uma *História sagrada* (editada pela Vozes), que até hoje tenho entre meus livros. Eu tinha onze anos quando esse livro caiu nas minhas mãos, com narrativas como a da criação do mundo, do dilúvio, de Esaú e Jacó, de José no Egito, de Jonas no ventre da baleia, de David e do gigante Golias, de Sansão e Dalila, e tantas outras que me conduziam à vida e paixão de Jesus. Não tenho dúvida de que foi por aí que se despertou a minha imaginação, naturalmente conduzida para a poesia. Com muitas leituras neste sentido. Acho que fui desde cedo tocado pela aura da Poesia, com P maiúsculo.

É claro que, com os meus estudos, com o alargamento de minha visão antropológica (sociológica, histórica e linguística); com o conhecimento de outras religiões, com os estudos comparativos delas, e uma iniciação, digamos científica, do espiritismo, fui adquirindo a pretensão de uma concepção pessoal do cristianismo, com a qual convivo atualmente. Minha mãe era total e ingenuamente católica; Maria é de uma fé que me encanta. Frequento um grupo católico na PUC do Rio, mas tenho muito medo da hipocrisia, não sei se minha ou se dos outros. No fundo, sou e continuo católico.

2. *Quando estava em sua residência e vi você, na ausência de sua estimada esposa Maria do Rosário, pegar uma vela de sete dias para colocar no lugar da outra que tinha acabado de queimar, pareceu que a crença na religião católica ressurgiu. Pode ser verdade? Como está sua crença neste momento?*

- 2.1 Jacqueline Beatriz, não ressurgiu coisa nenhuma porque não havia desaparecido. Entretanto, não sou o católico que confessa, comunga e, claro, assiste à missa todos os domingos. Aproveito muito do meu tempo (mesmo o de uma hora de missa) para trabalhar (ler, escrever), fazer afinal o que Deus fez – trabalhou sete dias e descansou para nós o resto da vida. Assim, o fato de você ter presenciado a renovação da luz da vela por mim não é sinal de que sou católico, é mais um sinal de que sou espiritualista, como todo bom católico deve ser. A tradição da luz da vela tem um sentido bem maior do que o de uma liturgia, católica ou não: é algo que abrange o lado espiritual do ser humano,

tendo implicações antropológicas e sociológicas. A queima da vela, além da luz que ilumina o ambiente, simboliza um ato de **reunião** – nessa luz se reuniram os pré-históricos nas cavernas, os gregos criaram o mito de Prometeu por ter roubado o fogo aos deuses e modernamente se reúnem as ações e as energias de anônimos trabalhadores na sua produção. Deste modo, a luz de uma simples vela pode estar queimando as mais diferentes e estranhas energias e iluminando alguma realidade que nos escapa, mas nos fascina e desperta em nós uma sensação de mistério e de esperança. Algo que ilumina as cavernas das nossas forças morais, da nossa alma.

### 3. Quando foi sua primeira eucaristia?

3.1 Como eu vivia numa cidadezinha do interior de Goiás, só em dias de festas chegava padre para celebrar missa do padroeiro, São João. Foi numa dessas festas, creio que nos meus onze anos, que fiz a primeira comunhão. Minha mãe fez um terninho de brim, calça comprida, gravata o que me fez sentir um novo ser, um homem que mudava no momento em que o clarão da lógica entrava no meu cérebro e me punha pela primeira vez diante da tensão *lógica X espiritualidade*. Na hora de receber a hóstia tive todo cuidado para deixá-la derreter na boca, sem tocá-la com o dente. Meus filhos, Antônio e Luciana, fizeram bem mais cedo, aos nove anos.

### 4. Comento que você já nasceu com dom para ser poeta e seu esforço e dedicação fizeram o resto. O que acha disto?

4.1 Acho que é isto mesmo. Mas com relação à primeira parte da pergunta, é preciso esclarecer que os antigos já pensavam assim, como no famoso adágio atribuído a Horácio: “*Poeta nascitur, orator fit*”. A palavra **dom** deve ser compreendida aí não como a queria Platão no seu irônico *Ião*, ou seja, como participação do divino ou do sobrenatural [εὐθουσιάζω], mas deve ser entendida como o **espanto** [θαῦμα] diante do mundo e dos acontecimentos. Na verdade, certa disposição psíquica que, motivada pela educação e aperfeiçoada pelo esforço e pela dedicação leva o homem a se interessar pela poesia, lendo e estudando tudo que diz respeito a ela. É a partir daí que se faz o poema, o livro, e a *Hora aberta*, por exemplo. A **inspiração** eu a vejo como um processo – um *durante* – que motiva a “transpiração”, isto é, o trabalho inteligente na feitura do poema com o objetivo de captar a Poesia.

### 5. Goiás, sua terra natal, sem os braços de Dona Celuta, como tem sido para você?

5.1 Depois da morte de minha mãe, passei algum tempo sem interesse de voltar a Goiânia, faltava-me uma motivação, um sentido de vida. Um dia, um ano depois, recebi convite para uma conferência na Universidade Católica (hoje PUC-Goiás). Fui e a partir de então a ausência de minha mãe foi-se fazendo presença pelo fascínio da recordação. A sua imagem se transformava numa linguagem silenciosa e poética.

6. *Você conversava muito com seu Pai Sr. João Alves Teles? Como era o relacionamento de vocês?*

6.1 Devo a meu pai, nascido em 1907 e comerciante, esta preocupação com a pontualidade: ser pontual e desejar que os outros (principalmente alunos) sejam pontuais nos encontros comigo. Sendo o filho mais velho, era eu quem abria a loja às 7 horas e a fechava às 18. Sem bancos na cidadezinha, era eu quem levava e buscava dinheiro em Anápolis, sede do município, tendo às vezes de caminhar a pé mais de trinta quilômetros com o dinheiro no bolso. Tudo isso gerou em mim o sentido da responsabilidade e do dever. Declarei certa vez numa entrevista que meu pai e o trabalho no IBGE foram os responsáveis pelo meu lado crítico, pelo meu gosto pela objetividade. O poema “Encontro”, de Linear G, responde bem a sua pergunta sobre o relacionamento com meu pai.

7. *Como foi começar a trabalhar tão cedo?*

7.1 O que disse na questão anterior dá uma ideia de como aprendi cedo a alegria da responsabilidade: tinha de abrir a loja, varrê-la, espaná-la, atender aos fregueses e depois ir às aulas no grupo escolar; na parte da tarde encontrava jeito de estudar enquanto tomava conta da loja; e à tardezinha conseguia brincar e jogar futebol no largo da igreja. Penso que essas atividades me ensinaram muito sobre muita coisa prática. O curioso é que eu já começava a ler alguns livros.

8. *Sobre o Sabadoyle, quando foi o seu primeiro encontro aos sábados na casa do Sr. Plínio Doyle? Quando foi seu último encontro? Do que mais sente saudade dos Sabadoyles? Como o poeta goiano se sentiu entrando para nata dos intelectuais?*

8.1 Conheci Plínio Doyle em 1972, na livraria José Olympio, que editou meu livro sobre Drummond. Na época em preparava com Drummond a sua Seleta em prosa e verso (que os netos tiraram do mercado porque o poeta fez questão de dividir comigo os direitos autorais e os netos, para não pagar os 5%, preferiram não editá-la mais). Por duas vezes, Plínio me disse apareça lá em casa aos sábados, uns amigos se reúnem lá. Assim comecei a frequentar o que depois se chamou Sabadoyle. Convivi lá com os maiores intelectuais do Rio de Janeiro e do Brasil naquela época. Nas vezes em que estive trabalhando no exterior (Portugal, França, Estados Unidos e Espanha) não perdi o contato com o Sabadoyle, pois havia sempre um amigo (Joaquim Inojosa, por exemplo) que me punha a par dos acontecimentos por lá. No meu livro Caixa-de-fósforos, de 1999, aparecem dois poemas sobre o Sabadoyle, um dos quais registra a mudança das reuniões da rua Nascimento Silva para o Jardim de Alá. Vivi por lá grandes momentos da minha vida intelectual. Exemplo: um poeta goiano se hospedou na minha casa e, no sábado, quis me acompanhar à casa do Plínio. Fui claro: não posso levá-lo sem antes consultar o dono da asa. Telefonei ao Plínio e lhe perguntei se podia levar um poeta de Goiás. Ele me disse: se é seu convidado, será bem vindo. Naquele dia Juscelino Kubitschek visitava o Sabadoyle. Quando o poeta goiano (que

havia bebido uns chopes) viu o presidente, quis logo entrevistá-lo, criando uma situação constrangedora. Quando Plínio viu aquilo, me chamou ao seu escritório e me disse: “Você o trouxe, trate agora de tirá-lo daqui”. Imediatamente, fiz o “repórter” me acompanhar, perdendo assim o convívio com Juscelino, que ficou a tarde toda por lá. Os livros de atas que se faziam registram bem o sentido de afabilidade e de conversa despretensiosa que havia no Sabadoyle.

9. *O que mais marcou na infância dos seus filhos? Luciana Teles e Antônio têm o dom de fazer poemas?*

9.1 Meus filhos são muito mais apegados à mãe. Assim como tive uma relação conflituosa com meu pai, o Antônio tem comigo. Ou eu tenho com ele. Formou-se em Física, mas sinto que ele tem bom gosto pela música clássica e escreve também os seus poemas, mas sem muita dedicação neste sentido. Conhece bem o inglês e um pouco de alemão. A Luciana fez letras na PUC (chegou a ser minha aluna num curso) e estudou depois na França, conseguindo aprender bem o francês e hoje trabalha como intérprete de francês, inglês e espanhol no Club Méditerranée. Lê muito e tem inclinação pelas coisas misteriosas e esotéricas.

10. *Quais são os seus planos para o futuro?*

10.1 Meu presente é meu futuro. Estou sempre trabalhando nalguma coisa: lendo livros de amigos, revendo teses de orientandos, escrevendo novos poemas e preparando um livro que, espero, seja o mais importante da minha vida. Sou frequentemente convidado para conferência e atualmente apresento também os meus poemas. Obrigado, Jacqueline.